

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

LUCAS DE ARAÚJO ROCHA CARVALHO

**A “FARSA” DA PANDEMIA: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DESINFORMATIVO
SOBRE O CORONAVÍRUS NO BRASIL**

Maceió
2022

LUCAS DE ARAÚJO ROCHA CARVALHO

**A “FARSA” DA PANDEMIA: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DESINFORMATIVO
SOBRE O CORONAVÍRUS NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Mércia Sylvianne Rodrigues Pimentel.

Maceió
2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Helena Cristina Pimentel do Vale CRB4 - 661

- C331f Carvalho, Lucas de Araújo Rocha.
A “farsa” da pandemia: uma análise do discurso desinformativo sobre o coronavírus no Brasil / Lucas de Araújo Rocha Carvalho. – 2022.
91 f. : il.
- Orientadora: Mércia Sylvianne Rodrigues Pimentel.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2022.
- Bibliografia: f. 75-86.
Glossário: f. 87-88.
Apêndices: f. 89.
1. Jornalismo – Fact-checking - Brasil. 2. Discurso. 3. Conservadorismo.
4. Desinformação. 5. COVID-19, Pandemia de, 2020- . – Infordemia. I. Título.

CDU: 070(81)

Folha de Aprovação

LUCAS DE ARAÚJO ROCHA CARVALHO

A “FARSA” DA PANDEMIA: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DESINFORMATIVO SOBRE O CORONAVÍRUS NO BRASIL

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo e aprovada em 15 de dezembro de 2022.

Orientadora: Profa. Dra. Mércia Sylvianne Rodrigues Pimentel.

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 MÉRZIA SYLVIANNE RODRIGUES PIMENTEL
Data: 15/05/2023 18:37:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Mércia Sylvianne Rodrigues Pimentel
Orientadora

Documento assinado digitalmente
 LÍDIA MARIA MARINHO DA PUREZA RAMIRI
Data: 15/05/2023 18:26:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Lídia Maria Marinho da Pureza Ramires

1ª Examinadora

Documento assinado digitalmente
 PRISCILA MUNIZ DE MEDEIROS
Data: 15/05/2023 18:22:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Priscila Muniz de Medeiros
2ª Examinadora

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e amigos por todo o apoio.

À Iris Danielle, Angélica Louise e Ailton Cruz pelas conversas e recomendações.

À minha querida orientadora por me apresentar esses caminhos.

Ao meu bom Deus que me guiou até aqui.

“Como é que a gente não viu isso? Como é que a gente deixou chegar nesse ponto? Como é que a gente riu disso?”

(MEDIDA PROVISÓRIA, André)

RESUMO

A emergência da Covid-19 no Brasil foi questionada por diversas narrativas, repletas de sentidos anteriores ao vírus, que expunham mais os reflexos de discursos políticos no momento pandêmico do que de fato elaborações fundamentadas em questões sanitárias ou de saúde pública. Observando as condições de produção desses enunciados desinformativos, coletados através da checagem de fatos dos portais Aos Fatos, Lupa e Comprova, que se destacam nesse seguimento, o presente trabalho buscou compreender o interdiscurso que operou no cenário das *Fake News* sobre o coronavírus no país, de modo a contribuir com a construção de conhecimento acerca desse fenômeno e deslegitimar as construções semânticas que se puseram como violenta violação ao combate à Covid. Através da sistematização das materialidades desinformativas checadas entre 2020 e 2021, lidas sob dispositivos elencados com base em Pêcheux (1995), Orlandi (2001; 2005; 2019), Gregolin (2011), Teitelbaum (2020) e da Silva, Sugamoto, Araújo (2021), foi possível enxergar como a maior parte das *fake news* suscitadas fazem parte hegemônica de uma mobilização de forças muito específica da extrema direita mundial e dialoga sentidos com projetos de reordenação de olhares bastante além do SARS-CoV-2 e seus desdobramentos, operando na manutenção de dizeres autoritários importados para a política brasileira, e que, nesse cenário, resultou na morte de milhares de indivíduos.

Palavras-chave: Discurso. Infodemia. Conservadorismo. Desinformação. Fact-Checking.

ABSTRACT

The emergence of Covid-19 in Brazil was questioned by several narratives, full of pre-virus meanings, which exposed more the reflections of political speeches in the pandemic moment than actually elaborations based on sanitary or public health issues. Observing the production conditions of these utterances, collected through the fact-checking work of the portals Aos Fatos, Lupa and Comprova, which stand out in this segment, the present work sought to understand the interdiscourse that operated in the scenario of Fake News about the coronavirus in the country, in order to contribute to the construction of knowledge about this phenomenon and delegitimize the semantic constructions that were considered a violent violation of the fight against Covid. Through the systematization of the materialities, checked between 2020 and 2021, that were read under devices listed based on Pêcheux (1995), Orlandi (2001; 2005; 2019), Gregolin (2011), Teitelbaum (2020) and da Silva, Sugamoto, Araújo (2021), it was possible to see how most of the Fake News raised are a hegemonic part of a very specific mobilization of forces from the world extreme right, and dialogue meanings with projects of reordering perspectives far beyond SARS-CoV-2 and its consequences, operating in the maintenance of authoritarian sayings imported into Brazilian politics, and which, in this scenario, resulted in the death of thousands of individuals.

Keywords: Discourse. Infodemic. Conservatism. Misinformation. Fact Checking.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO: O CENÁRIO DESINFORMATIVO DA PANDEMIA DE COVID-19.....	11
2.1 Um novo vírus.....	12
2.1.1 Reações internacionais.....	13
2.1.2 Uma guerra discursiva.....	14
2.2 Infodemia: fake news e relações de poder.....	18
2.2.1 As desordens informacionais.....	19
2.2.2 Formas de circulação.....	21
2.2.3 Uma indústria sistematizada.....	22
2.3 O Fact-checking em questão.....	24
2.3.1 Resgate da credibilidade.....	25
2.3.2 As agências selecionadas.....	27
3 INTERDISCURSO OPERANTE: GUERRA PELA ETERNIDADE.....	29
3.1 Um jardim de aflições.....	31
3.1.1 O discurso Tradicional-Conservador de Direita.....	35
3.2 Real x imaginário: uma escola de sentidos.....	37
3.2.1 A permanência da representação.....	39
3.2.3 Interdiscurso e esquecimento.....	41
3.3 Dispositivos Analíticos.....	45
3.3.1 Mecanismos de sentido.....	45
3.3.2 A “cor da revolução”.....	46
4. AS CONSTRUÇÕES DE SENTIDO DURANTE A PANDEMIA: FAKES NEWS CHECADAS	54
4.1 Veículos de circulação e blocos enunciativos.....	56
4.1.1 Agendamento às avessas.....	58
4.2 Cadeias de sentido.....	61
4.2.1 Negócio da China.....	61
4.2.2 Sequelas no combate à Covid.....	63
4.2.3 Influência política.....	67
4.3 Efeitos colaterais.....	69
4.3.1 ‘Pandemia do medo’.....	70
4.3.2 Reações adversas.....	72
4.3.3 Agentes identificados.....	73
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS.....	77
GLOSSÁRIO.....	87
APÊNDICE A – Banco de Materialidades.....	89

1 INTRODUÇÃO

A pandemia de Covid-19 no Brasil se desenrolou em meio a uma severa guerra discursiva. Entre recomendações e críticas, o combate ao vírus se viu cercado de incertezas geradas por um número expressivo de material desinformativo posto em circulação por diferentes autores.

No contexto das redes sociais, o disparo desmedido de diferentes ideias sobre o coronavírus, suas origens e consequências, moldaram a forma como muitos sujeitos se posicionaram durante os anos da pandemia e definiram a sua colaboração frente aos métodos de prevenção e combate, conduta essa que foi decisiva em casos de óbito.

Um vírus relativamente desconhecido, bem como uma emergência sanitária numa sociedade polarizada em divergências políticas, acabou por se tornar cenário fértil para a mobilização de forças antagônicas, por meio dos diversos discursos acerca da situação.

Buscando resgatar a credibilidade jornalística, a checagem de fatos se posicionou como uma mediadora de informações, e foi ponto estratégico para alguns interlocutores, como critério de análise na decisão de em que acreditar.

Assim, buscando os serviços de checagem como pontes de acesso às diferentes materialidades desinformativas circuladas no Brasil, desde o início de 2020 ao final de 2021, a presente pesquisa se propõe a verificar discursivamente em que consiste a narrativa das *fake news* no Brasil pandêmico e como elas funcionam de modo a influenciar os interlocutores, com proposições muitas vezes tão afastadas da realidade. Esse processo de coleta resultou em um banco de dados (*apêndice A*) que reuniu 1154 materialidades checadas durante esse período, sistematizadas para análise em blocos parafrásticos que sustentam ou um mesmo objeto discursivo, ou mecanismos de sentido semelhantes.

Analisando esses enunciados, checados como diferentes níveis de desinformação, pretendeu-se revisitar os conteúdos mais atuais sobre o tema para examinar como se desenharam as notícias falsas sobre a Covid-19 no país e de que forma a Análise de Discurso (AD), a partir de Orlandi (2001; 2005; 2019), Gregolin (2011) e Pêcheux (1995) pode contribuir na compreensão dos jogos de poder dispostos nos efeitos de sentido sustentados por esses dizeres, enquanto os agentes envolvidos em seu espalhamento sustentam ganhos políticos com a confusão que se instala.

Para tanto, apresentamos, na seção 2, as condições de produção desses enunciados dentro do cenário internacional do vírus e da infodemia (INFODEMIC, [s.d.]) que se consolidou, com as elaborações de Delmazo e Valente (2018), Gruzd e Mai (2022) e Santaella

(2020) acerca do cenário da desinformação nas redes sociais, e posicionando o processo jornalístico da “checagem” como resposta a esse quadro, como expõe Dela Silva (2021) em sua análise.

Partimos então, na seção 3, para a investigação dos discursos postos em circulação por esses dizeres, de-superficializando sua leitura na compreensão de como as alegações são (re)produzidas (ORLANDI, 2005). Essas proposições remontam dizeres anteriores à pandemia, como apontam Teitelbaum (2020), Silva, Sugamoto e Araújo (2021) e Pinheiro Neto (2021), que se estabeleceram na política nacional através de uma mobilização de forças, evidenciando alguns sujeitos-autores, num discurso que se elabora em vários mecanismos de continuidade e manutenção de sentidos.

Com base nos dispositivos analíticos elencados: a sistematização das peças a partir de seus mecanismos de sentido, junto a uma leitura não verbal dessas materialidades, apoiada em Gregolin (2011) e Guimarães (2004), uma filiação de sentidos conservadores passa a ser distinguível na maioria dos enunciados desinformativos sustentados no Brasil. Como resultado, 92,6% das materialidades coletadas mostraram sustentar, em diversas capilaridades, uma falácia semelhante: a de que o vírus, e/ou as circunstâncias da pandemia, foram de alguma forma fabricados.

São diversas imagens operadoras de simbolização e memória, na forma de variados conteúdos circulados, construindo diferentes ordens de olhar para os acontecimentos (GREGOLIN, 2011), predominantemente conservadoras.

Dessa maneira, a exposição das construções de sentido feitas na pandemia e algumas de suas consequências mais emergentes, na seção 4, pretende não apenas demonstrar as narrativas de desinformação que circularam, mas expor as variadas crenças políticas postas nesses enunciados, como forma de entender o que se esconde nos dizeres que a Infodemia agendou para os sujeitos.

Com isso, é possível, a partir de gestos de análise, observar como o fenômeno da desinformação interferiu de maneira direta e agressiva na construção de sentidos sobre a pandemia de Covid-19 no Brasil, expressando projetos de poder inerentes à política atual.

O desvelamento dos discursos não só visa colaborar com a construção de conhecimento acerca do funcionamento do fenômeno das *fake news*, como auxilia na elaboração de um material disponibilizado à literacia (LEMOS, 2002), contribuindo para a promoção da competência informacional (OLIVEIRA E SOUZA, 2018) do grande público.

2 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO: O CENÁRIO DESINFORMATIVO DA PANDEMIA DE COVID-19

Para existir, todo processo discursivo é produzido sob determinadas condições, que, por sua vez, moldam a maneira como os sentidos serão formulados e reproduzidos (ORLANDI, 2019). Pensando nos efeitos de sentido relacionados à pandemia da Covid-19 no Brasil, esse contexto é amplo e engloba uma série de fatores nacionais e internacionais, políticos e sociais, envolvidos em cadeias de sentido.

Para investigá-las, dentro das condições de produção nas quais ocorreram, o primeiro aspecto a se destacar é a circunstância da pandemia, recortada aqui entre os anos de 2020 e 2021, quando a situação sanitária referente ao vírus esteve mais agressiva no país. Foi em 11 de março de 2020 que a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou o status de pandemia à disseminação da Covid-19, doença causada por uma nova cepa dos coronavírus humanos (HCoVs), identificada posteriormente como SARS-CoV-2 (OPAS, [s.d.]

Além da variedade de sintomas, de maior ou menor gravidade, e suas sequelas incertas na época, a alta taxa de transmissão fez com que a nova enfermidade se espalhasse rapidamente por todo o globo. Nesse sentido, apenas alguns dias depois, foi aprovado o pedido de reconhecimento de calamidade pública no Brasil (SIQUEIRA, 2020).

Poucos meses após o primeiro caso da doença registrado no mundo, em *Wuhan*, na China, o número de países afetados já havia triplicado, acumulando mais de 118 mil casos e 4.291 mortes ao redor do globo (MOREIRA; PINHEIRO, 2020). Essa taxa de mortalidade cresceu exponencialmente, e só veio a retornar aos parâmetros iniciais que motivaram o decreto, após dois anos, em março de 2022 (OMS:..., 2022). O mundo via, portanto, a iminência de um vírus até então relativamente desconhecido, tendo que desenvolver métodos de enfrentamento à disseminação de uma doença da qual ainda pouco se sabia.

Contudo, diferentemente das emergências sanitárias dessa magnitude vistas anteriormente pela humanidade, essa se instalava em um contexto social e comunicacional totalmente novo: um mundo globalizado, num universo de relações internacionais, órgãos de mútua cooperação em pesquisa laboratorial e urbana, além de diversos avanços tecnológicos e uma rede de comunicação contemporânea interconectada.

Esse lugar de ação desenvolveu uma série de novas perspectivas e, principalmente, de novos desafios no combate a uma pandemia mundial contemporânea, entre eles a rápida disseminação de opiniões, corretas ou equivocadas, trocadas por usuários de diversas partes do globo, sem a mediação de profissionais de saúde.

Novas descobertas, críticas aos métodos indicados e aos órgãos oficiais, materiais

pseudocientíficos formulados sem um método conciso, tudo isso passou a ser veiculado em diversas redes, indiscriminadamente, em meio a sujeitos despreparados para filtrar todos os sentidos propostos em cada uma dessas interpelações.

2.1 Um novo vírus

De acordo com a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), ao todo, são sete os HCoV's identificados pela literatura médica: HCoV-229E, HCoV-OC43, HCoV-NL63, HCoV-HKU1, SARS-COV, MERS-COV, e o recente “novo coronavírus”, temporariamente chamado de “2019-nCoV”, e nomeado “SARS-CoV-2” em fevereiro de 2020 (OPAS, [s.d.]). O surto de SARS-CoV-2 já havia sido classificado pela OMS como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) em janeiro de 2020. Esse é o nível mais alto de alerta previsto no Regulamento Sanitário Internacional (RSI).

Posteriormente, foi atribuída também a categoria de “pandemia”, devido à distribuição geográfica dos diversos surtos da doença, em diferentes partes do mundo, independentemente de sua gravidade. Tendo em vista o surgimento dessa nova tipologia, as informações sobre o comportamento do novo vírus no organismo, seu surgimento, assim como a compreensão de sua transmissão e os métodos para evitá-la, foram sendo complementadas ao longo dos anos da pandemia, tendo como base o que já se sabia sobre a família do vírus, seu progressivo rastreamento e análise, assim como posteriormente os de suas variantes.

Sobre sua origem, a OMS publicou um relatório, em março de 2020, onde dizia que “naquele momento não seria possível determinar precisamente como os humanos na China foram inicialmente infectados” (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020, p.2, tradução nossa). Contudo, a evidência disponível na época sugeria que o SARS-CoV-2 seria um organismo de “origem animal natural e não um vírus construído ou manipulado”. A publicação sugeria ainda que a mais provável gênese do novo coronavírus seria o organismo de morcegos, tendo sido transmitido diretamente ou por meio de hospedeiro, para um ser humano. Essa sugestão da entidade era baseada no comportamento do SARS-CoV original, anteriormente catalogado.

O relatório, de apenas duas páginas, esclarecia que investigações na área que se acreditava ser a fonte do surto na China seguiam em planejamento e execução. Essas informações, ou a falta delas, foram fonte de uma diversidade de proposições dentro das relações de sentido durante a pandemia. O relatório final foi emitido pela entidade quase um ano depois, em fevereiro de 2021. Nele, a OMS dissertou sobre todas as pesquisas realizadas

e sobre as hipóteses da origem da transmissão, sendo elas direta, intermediada por um hospedeiro, por cadeia alimentar, por “cadeia fria” ou por um “acidente laboratorial”.

Sobre essa última hipótese, o relatório salientou que as pesquisas consideraram a possibilidade de uma introdução acidental do vírus numa cadeia de transmissão, a partir da infecção de um membro de uma equipe laboratorial em pesquisa relevante. No documento, a organização destacou que a ideia de uma fabricação e transmissão planejada do vírus já estava descartada: “Nós não consideramos a hipótese de disseminação deliberada, ou bioengenharia deliberada do SARS-CoV-2 para disseminação, este último foi descartado por cientistas através da análise de genoma” (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2021, p.118, tradução nossa).

Contudo, os posicionamentos da entidade não impediram que diversos enunciados produzidos durante esse período supusessem a criação deliberada do vírus e o envolvimento do governo chinês nesse processo. Dentro dessa narrativa, diversos dizeres veiculados se sustentavam em uma série de paráfrases de discursos já estabelecidos, carregadas de implicações políticas cujos efeitos impeliam, de maneira imperativa, um posicionamento do sujeito.

Essas conspirações não diziam respeito apenas à criação do vírus, mas também sobre seus métodos de combate, os órgãos e agentes envolvidos nos acontecimentos e, em muitos momentos, a própria compreensão do sujeito sobre o funcionamento da ciência, das instituições, e até mesmo do cosmos, carregando uma polissemia diversa, e muitas vezes contraditória.

2.1.1 Reações internacionais

Apesar dos embates discursivos, os órgãos oficiais internacionais já eram enfáticos, desde o início da situação pandêmica, em apontar alguns determinados métodos como eficazes contra a disseminação do coronavírus: o distanciamento social, uso de máscaras, ventilação dos espaços e higienização das mãos e dos ambientes, associados ao uso do álcool 70% hidratado, além da prática do isolamento social, e da “etiqueta respiratória” (cobrir boca e nariz ao tossir e espirrar, por exemplo).

A OMS ainda esclarecia que, apesar da maioria dos indivíduos desenvolver doenças respiratórias médias, alguns desenvolveriam formas mais graves da doença. Idosos e pessoas sob outras condições médicas de fragilidade imunológica, as chamadas comorbidades, corriam maiores riscos.

Ainda à época do decreto de pandemia mundial, todos os 27 países da zona de *Schengen* (membros da União Europeia, Islândia, Noruega, Suíça e Liechtenstein) (PINTO; COMLOMBO, 2020), Rússia, República Tcheca (Países..., 2020), Argentina, Honduras e Peru (CAZARRÉ, 2020) já fechavam as fronteiras.

Esses e diversos outros países e organizações já tomavam também outra série de medidas para coibir o vírus: a Argentina fechava escolas, Nova Zelândia coibia o acesso de cruzeiros, e empresas, como a MGM, fechavam hotéis e cassinos. As ações eram coordenadas por diversos blocos econômicos mundiais.

Segundo levantamento da Fundação Getúlio Vargas, em maio de 2020, África do Sul, Alemanha, Argentina, Austrália, Canadá, China, Colômbia, Espanha, Estados Unidos, França, Índia, Irã, Israel, Itália, Líbano, México, Nova Zelândia, Reino Unido, Rússia e Singapura já haviam realizado *lockdown*, decreto do poder público que restringe a circulação de toda a população. Coreia do Sul, Suécia e Turquia realizaram o chamado isolamento vertical, que atinge apenas as pessoas em grupos de risco ao vírus (OLIVEIRA, 2020).

Foram estabelecidos auxílios financeiros, realocações de recursos, reduções ou alterações tributárias de diversas ordens, tudo para que os impactos econômicos das medidas restritivas fossem minimizados. A obrigatoriedade no uso de máscaras, distanciamento social e higienização, assim como a aferição de temperatura, se tornaram um protocolo de saúde adotado em todos os lugares. Tudo isso, no entanto, veio a se tornar alvo de incertezas.

No contexto das pesquisas em andamento, das novas recomendações que se atualizavam, da eficácia delas em cada país, tudo foi alvo de especulações, dizeres carregados de mecanismos discursivos que sustentavam, ou buscavam romper, diferentes entendimentos sobre a pandemia.

No Brasil, em contexto de severa polarização política - consequente de uma série de processos que se estendem com mais notoriedade desde o golpe de 2016 até a campanha política que elegeu o presidente Jair Messias Bolsonaro em 2018 - essas incertezas refletem uma profunda guerra de sentidos entre diversos interlocutores.

2.1.2 Uma guerra discursiva

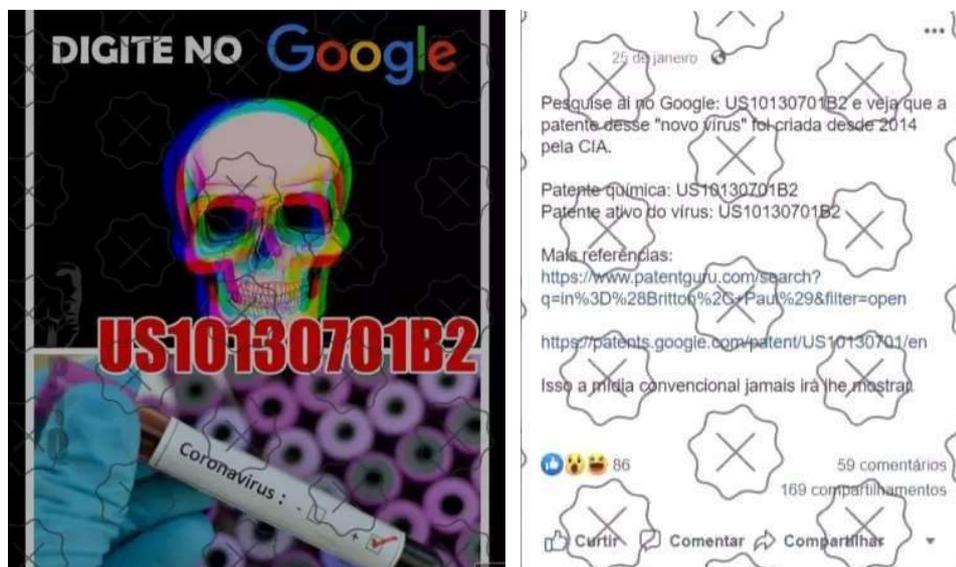
No dia do decreto de pandemia da Covid-19, eram 52 os casos confirmados no Brasil (LINHA..., 2020). No fim daquele mês, o número de casos já teria saltado para 5.812 confirmações, com 202 brasileiros vitimados pelo vírus (UNA-SUS, 2020).

No momento da escrita deste trabalho, segundo semestre de 2022, o país acumula 35 milhões de casos confirmados, e quase 700 mil mortes (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022), com taxa de mortalidade decrescente, e medidas restritivas sendo retomadas após o surgimento de uma nova variante.

A situação dos sentidos propostos sobre a pandemia no Brasil, no entanto, se congrui com um outro cenário mundial. Encontra-se aqui um solo fértil de embates de significados, com agentes próprios inseridos nos processos discursivos, em uma conjuntura muito própria de domínio semântico. Em diversos nichos, o discurso predominante era o mesmo reproduzido por grande parte do eleitorado em 2018, determinando o rumo do poder executivo da república nos últimos anos.

Materialmente, uma série de famílias parafrásticas se formaram, de modo que sujeitos e instituições do país sustentassem enunciados baseados em Formações Imaginárias que apresentavam diversas interpretações diferentes do que estava acontecendo no mundo durante a pandemia. A seguir, trazemos uma materialidade discursiva que circulou nas redes sociais ainda em janeiro de 2020, enquanto a discussão sobre a situação do vírus fora do país já agendava uma certa quantidade de enunciados:

Figura 1 - Materialidade extraída de agência de *fact-checking*



Fonte: Portal Aos fatos, 2020

Vale notar o uso de determinados mecanismos discursivos que se repetem na criação de sentido dentro desse universo simbólico: o emprego da cor preta, aqui utilizada junto ao símbolo de uma caveira, a qual é dada uma impressão de *glitch* (falha na visualização), que

atribui efeito de sentido de erro, como um arquivo secreto ou oculto que está sendo acessado na internet, enquanto se destaca o nome da patente em vermelho. Isso tudo associado à imagem de uma tipagem sanguínea marcada com presença positiva do vírus. O enunciado é materializado em um formato memético, próprio do contexto discursivo das redes sociais.

Se vista rapidamente, desassociada da legenda, a imagem pode gerar efeito de sentido de urgência perante o vírus: uma nova cepa, talvez variante do coronavírus, ainda mais letal e transmissível que se aproxima. Mas, associada à legenda, a peça ganha a conotação que está presente durante todo o período pandêmico no Brasil: leva a formar sentido de premeditação do espalhamento do vírus, supondo que este já é patenteado pelo serviço de inteligência dos Estados Unidos. Associa como referências *links* que não explicam o assunto e culmina num ataque à imprensa tradicional. Desse modo, sustenta um lugar de convivência da mídia nesse processo, enquanto interpela que as pessoas busquem informações individualmente.

Tal semântica evoca a imagem fabricada da pandemia como algum jogo escuso de poder do “sistema”, do qual não teríamos informação, pois os profissionais da informação também seriam omissos. Essa materialidade se vincula a uma rede vasta de sentidos, de diversos dizeres vinculados que funcionam a partir de uma memória já solidificada nesses sujeitos. Aí estão implícitos os autores e os motivos da “criação” da pandemia, assim como toda uma gama de ideias equivocadas sobre o que estava acontecendo ao redor do mundo entre 2020 e 2021.

O *print* usado neste trabalho está marcado com o selo do portal que fez a checagem dessa informação, o que impede que a imagem baixada do site possa voltar a circular como legítima. No texto, o jornalista responsável explicou as incongruências da informação dada na postagem:

A patente, na verdade, foi concedida em 2018 ao instituto britânico *Pirbright*, que pesquisa uma vacina para a doença que afeta somente animais. A desinformação tem sido usada para afirmar que o vírus que já matou mais de cem pessoas foi criado em laboratório. Reunindo ao menos 15 mil compartilhamentos em publicações em português no *Facebook* nesta terça-feira (28), a informação falsa foi disseminada primeiro nos EUA. O Aos Fatos marcou os posts enganosos com o selo FALSO na ferramenta de verificação da rede social. (RIBEIRO, 2020, online)

Vale salientar ainda que essa circunstância de dizeres equivocados sobre a pandemia seria outra se formulações semelhantes, de maior ou menor agressividade, não estivessem também partindo de membros do governo federal, médicos, jornalistas e figuras de autoridade. As relações de força formadas aqui representam o domínio simbólico de sujeitos-autores muito específicos, que se ocultam por trás de circulações anônimas, como a exposta, enquanto sustentam uma cadeia discursiva maior.

Esse contexto desinformativo marcou todo o combate à Covid-19 no país. Das peças de desinformação analisadas para este trabalho, resgatadas de serviços de checagem, 112 tiveram como origem (elaboração ou compartilhamento) agentes da política brasileira que se repetiram, entre eles deputados, membros do governo, ou o próprio presidente da república, com dizeres parafraseados em diversas variações:

SD 1 – “A safadeza é grande demais. Inventam mortes, inventam enterros, inventam caixões vazios, inventam corpos de mentira, roubam o dinheiro do Covid, aterrorizam a população, e depois jogam a culpa no Bolsonaro” (MENEZES, 2020i, online)

SD 2 – “Doria proíbe, a cloroquina nos hospitais de São Paulo (...) Quer que o povo brasileiro morra mesmo! Doria comunista, junto com todos os governadores e prefeitos canalhas (...)” (MARÉS, 2020a, online)

SD 3 – “A máscara é eficaz? (...) Só tem uma explicação para seremos obrigados a usar: será que a O.M.S. quer nos matar lentamente?” (MENEZES, 2020g, online)

SD 4 - “A maior FRAUDE do século! Governos de todo o mundo já sabiam, em 2018, que o Covid-19 ia ser lançado e encomendaram milhões e testes com um ano de antecedência” (MENEZES, 2020b, online)

Essas quatro Sequências Discursivas, recortadas de materialidades circuladas no *Facebook*, *Twitter* e *Whatsapp*, checadas como falsas por jornalistas, ilustram o cenário imaginário criado pelos diversos enunciados semelhantes que, com diferentes mecanismos de sentido, sustentaram constantemente estas proposições: que os dados sobre as mortes no Brasil estariam sendo manipulados; que as informações sobre os métodos de tratamento para a doença estariam sendo manipuladas para favorecer setores da indústria de saúde ou agentes políticos; que os métodos de prevenção e vacinas, relativos à Covid-19, na verdade, fariam mal à saúde ou trariam prejuízos desnecessários ao país; e que a urgência no combate da doença é uma maquinação de diversos agentes políticos.

Essas proposições, no entanto, apontam para construções mais profundas no interdiscurso onde se colocam. Elas sustentam uma filiação de sentidos anterior à pandemia, que encontra no vírus, nas políticas públicas e nas relações internacionais que o envolvem,

uma oportunidade de ordenação de olhares (GREGOLIN, 2011), uma dizibilidade oportuna de ideias que anteriormente pouco tinham a ver com as circunstâncias sanitárias que se instalaram.

Com isso, as ações de combate ao vírus no país foram bastante comprometidas. E essa mesma situação também se repetiu no exterior. Dá-se como exemplo o prejuízo ao protocolo de aferição de temperatura da população à entrada de qualquer estabelecimento, devido à veiculação da informação falsa de que a aferição de temperatura, apontando o equipamento para a cabeça do indivíduo, faria de algum modo mal à saúde, sendo mais eficiente apontá-lo para o pulso, o que é falso.

Nesse mesmo cenário, surgiram diversos outros efeitos de sentido: sobre uso de medicamentos para profilaxia ou tratamento dos sintomas do vírus, “indícios” de corrupção quanto às verbas destinadas aos estados, o “despreparo” dos equipamentos públicos para a demanda de acometidos pela doença e, contraditoriamente, as alegações de que esse próprio vírus sequer existiria.

2.2 Infodemia: *fake news* e relações de poder

Em consonância ao caos informacional que se estabeleceu, a OMS cunhou o termo “Infodemia”. Em seu portal, o órgão define esse conceito como “excesso de informação, incluindo informação falsa ou errônea, em ambiente físico ou digital, durante o surto de uma doença. Isso causa confusão e comportamentos de risco que podem prejudicar à saúde. Também leva à desconfiança nas autoridades e prejudica a reação da saúde pública” (WORLD HEALTH ORGANIZATION, s.d., online, tradução nossa).

O fenômeno da desinformação não é novo. Como descrevem Delmazo e Valente (2018), episódios notáveis de circulação de informação falsa são vistos desde a criação da imprensa. Porém, no ambiente virtual, esse fenômeno toma uma proporção totalmente nova, tendo em vista a autonomia de criação dada pelas redes sociais ao usuário, tornando o sujeito um produtor e reproduzidor ativo de informação, já que esses ambientes virtuais eliminam mediadores, permitindo o fenômeno da “autocomunicação” (BLANCO E COSTA, 2019), retroalimentado por um sistema de algoritmos que personaliza todo conteúdo recebido pelo indivíduo. Nesse sentido, “a produção da mensagem é decidida de modo autônomo pelo remetente, bem como a designação do receptor e a recuperação da mensagem por mecanismos de busca” (BLANCO E COSTA, 2019, p.159).

Como “praças no centro da aldeia global”, essas ambiências virtuais e suas funcionalidades ressignificam as práticas sociais. Tanto o consumo de notícias como as

relações interpessoais agora perpassam as redes sociais, especificamente aquelas em “efeito de rede” (KIRKPATRICK, 2011) no país, ou seja, aquela que, reunindo um grande número de pessoas, monopoliza os usuários. No Brasil, *Facebook*, *Whatsapp* e *Instagram* são exemplos desse fenômeno, e integram fortemente a cadeia de espalhamento de desinformação, como câmaras de ressonância (FERNANDEZ-GARCÍA, 2018) de diversos discursos.

É o que sustenta o *Digital News Report* de 2021, produzido pela agência *Reuters* em parceria com a Universidade de Oxford. O relatório aponta para um crescimento constante do uso de *smartphones*, em relação ao uso de computadores e *tablets* no consumo de notícias, assim como as mídias sociais e jornais online tomaram a dianteira, deixando para trás a televisão e o jornal impresso.

Esse método de consumo, contudo, torna a leitura e compreensão das informações defasadas em virtude da rapidez e superficialidade com que a assimilação dos dados é tomada nesse sistema. Como aponta análise da Universidade de Columbia e do Instituto Nacional Francês, de 2016, 59% dos *links* compartilhados em redes sociais não chegam a ser clicados de fato (DEWEY, 2016), além do que, mesmo clicados, o ritmo acelerado de leitura leva os usuários ao não consumo efetivo da informação. Como mostra o *Nielsen Norman Group*, em pesquisa de 2013: enquanto 81% dos leitores voltam os olhos para o primeiro parágrafo de um texto na internet, há uma queda para 71% nos que chegam ao segundo, para 63% que olham para o terceiro parágrafo, e apenas 32% para o quarto (NIELSEN, 2013).

Em outras palavras, a midiatização moderna do consumo de notícias acaba por ser, em si mesma, uma favorecedora natural do espalhamento pouco embasado de informação e torna o fenômeno da desinformação ainda mais complexo, o que move diversos pesquisadores contemporâneos a buscar sua compreensão e mapeamento, assim como estratégias de combate.

2.2.1 As desordens informacionais

Dentro desse estudo, Wardh e Derakhshan (2017) descrevem e diferenciam aquilo que chamam de desordens informacionais em três diferentes categorias: Informações Incorretas (tendo falsa conexão ou sendo enganosas), Más Informações (vazamentos, assédios e discursos de ódio), e a Desinformação como uma intersecção desses dois universos, contendo informações com contexto falso e/ou conteúdo falso, fabricado ou manipulado.

Já o termo “*Fake News*”, apesar de guardar sinonímia com esses conceitos, é descrito de maneiras relativamente diferentes, por diferentes autores. Allcott e Gentzkow (2017)

apontam o termo como designação de um material noticioso que é intencionalmente falso, podendo levar ao equívoco. Segundo Tandoc Jr., Wei Lim & Ling (2018), o formato desse objeto é deliberadamente uma mimese do produto jornalístico, de suas convenções, formas e características, para se revestir de credibilidade, se utilizando da narrativa e dos componentes noticiosos.

Para Indursky, como afirma em entrevista para Mariani e Dela-Silva (2019), a materialidade da *Fake News* pode ser entendida como uma “torção discursiva”:

À luz da Análise do Discurso, entendo *fake news* como um processo de torção discursiva realizado sob o efeito de uma identificação ideológica. A torção se dá no momento em que determinado acontecimento é narrado pela mídia de modo a projetar um efeito de verdade ao que, de fato, é uma falsificação do ocorrido. [...] Se a referida torção discursiva for aceita, ela passa a produzir o desejado efeito de verdade. A prática discursiva da falsificação da notícia adquiriu, no fazer político de nossos dias, uma força muito grande, sinalizando que a versão tem muito mais adesão do que o acontecido. (MARIANI; DELA-SILVA, 2019, p. 29)

Enquanto “torção discursiva”, portanto, o objeto das “*Fake News*” ganha uma classificação no objeto do discurso. São materialidades que concorrem, para uma ressignificação da realidade, sustentando cenários fabricados do real, associando-se aos gestos políticos da contemporaneidade. Sustentam “efeitos de verdade”, algo que muito se associa ao fazer discursivo que se tem no cenário aqui descrito.

Marwick e Lewis (2017), por sua vez, sustentam o conceito de “manipulação midiática”, definida em quatro pressupostos: material deliberadamente ofensivo; contraposto ao “sensacionalismo” da grande mídia; causador de um impacto afetivo no público-alvo; e feito sobre uma ambiguidade de sentidos, que oculta a intenção do autor.

Esses materiais podem ser identificados ainda por carregarem uma série de mecanismos de sentido que se repetem. Santaella (2020), ao analisar semiologicamente o fenômeno das *Fake News* durante a pandemia, aponta oito linguagens características, diferentes classificações que abarcam como as diversas peças desinformativas tendem a produzir sentido: jocosidade (Signos de riso fácil); distorção e ambiguidade nos relatos (Signos enganosos); abuso do sentido de urgência (Signos sensacionalistas); pressa e falta de verificação (Signos apressados); discursos de ódio (signos preconceituosos); falseamento de contexto (Signos deslocados); torção de um material verdadeiro (Signos manipulados); e material deliberadamente fabricado (Signos mentirosos).

Todas essas definições, divergindo ou convergindo à análise do discurso, se complementam enquanto buscam classificar o mesmo objeto, que é o texto, unidade ou

material que, fugindo ao mero equívoco, é deliberadamente produzido para causar um “efeito de verdade”, sustentando sentidos específicos, a partir de uma série de interpelações deslocadas do real do fato, sustentando um deslizamento de significados que se desliga do acontecimento, enquanto provoca um ordenamento diferente do olhar do sujeito dentro de uma Formação Ideológica.

Pensando no que foi observado durante a análise deste trabalho, mais uma percepção pode ser adicionada: a desinformação, muitas vezes, pretende usar do esquecimento para se sustentar no pressuposto do anonimato. Aquilo que é dito se perde de autoria, enquanto é absorvido por um contexto em que o enunciado é parafraseado de maneira tão insistente e descentralizada, principalmente dentro das redes sociais, que se propõe como percepção própria do sujeito. Este, então, é levado a se ver como percebedor daquela realidade, e não como assujeitado ao que foi dito por outro. Assume lugar de persuasão, ao invés de informação. “Não é um ‘erro honesto’, mas um conteúdo criado intencionalmente, geralmente visando algum ganho para alguém, muitas vezes, político” (BENKLER et al. apud SOARES et al. 2018, p.4)

2.2.2 Formas de circulação

Outra questão importante no universo da desinformação é que, além de sua formulação deliberadamente falsa e persuasiva, essas peças são postas também em estratégias de circulação muito bem elaboradas.

Na topografia da estrutura de espalhamento desses materiais dentro dos aplicativos de mensagem, “a notícia progride preferencialmente de grupos com maior centralidade para grupos periféricos, numa lógica policêntrica” (SANTOS et.al, 2019, p.324), sempre se aproveitando do funcionamento interno da plataforma.

Dentro da exposição seletiva de informações, proporcionado pela própria rede, a navegação e criptografia dos grupos de diferentes serviços favorecem um espalhamento em cascata (EASLEY; KLEINBERG, 2011), quer dizer, indiscriminado e sequencial, pressuposto na confiabilidade do usuário anterior que compartilhou a peça.

Recuero e Gruzd (2019), por sua vez, jogam luz em quem seriam esses usuários compartilhadores. Os autores classificam o efeito de cascata entre: grupos homófilos – segundo o conceito de “Homofilia” de Mcpferon, Smith-Lovin & Cook (2001), que é a tendência de que um conjunto de pessoas com interesses, visões de mundo e gostos similares promovam contato entre si –, os chamados “Lobos solitários” (que criam contas falsas para

operar nesses processos), e mecanismos de automação (“bots” ou “ciborgs”, inteligências artificiais que simulam processos reais e projetam o espalhamento dessas informações).

Quanto a esse último, a indústria da *Fake News* se sustenta bastante nesse mecanismo de espalhamento rápido. Forjando o comportamento de um usuário, esses disparadores agem como compartilhadores em massa de informação dentro das redes sociais, e estão, inclusive, associados a diversas peças desinformativas compartilhadas pelo chefe do poder executivo do Brasil e seus aliados, como aponta o Grupo de Estudos da Desinformação em Redes Sociais (EDReS) da Universidade Estadual de Campinas (SOUZA, 2020). Nessa funcionalidade, perfis automatizados em diferentes redes sociais fazem diversos disparamentos por segundo, alcançando números altíssimos de acesso, leitura e posterior compartilhamento orgânico da peça de desinformação.

Ao observar o compartilhamento de links sobre Hidroxicloroquina no *Facebook*, Soares et.al (2021) destaca ainda uma tendência nos caminhos da navegação dos usuários expostos em um ambiente desinformativo. Veículos de Mídia Hiperpartidárias (BENKLER, FARIS; ROBERTS, 2018), que favorecem Formações Discursivas específicas, carregam seu conteúdo de diversos sentidos políticos e acabam ganhando centralidade nas redes, uma vez que são retroalimentados pelo próprio modelo de negócio dessas plataformas, que sustenta uma polarização cada vez maior dentro do sistema de consumo personalizado ao usuário.

Ainda segundo Soares et al. (2021), mesmo que tanto os grupos declaradamente a favor, quanto aqueles contra o uso do medicamento na profilaxia da Covid-19, tendessem a ser, ambos, mais propensos à hiperpartidarização, os grupos pró-cloroquina tendiam mais a essa polarização, e, apenas nesse nicho, foram verificados o compartilhamento de conteúdo desinformativo.

2.2.3 Uma indústria sistematizada

Como destaca Orlandi (2001, p. 132), “conhecer, controlar e fazer circularem boatos são um meio de estabelecer uma forma de poder”. Na história recente, o uso de robôs e o disparamento dos mais diversos falseios dos fatos estão diretamente relacionados a diversos processos políticos e agentes específicos que, de uma ou outra maneira, se relacionam entre si. Essas relações se tornarão mais explícitas no decorrer da leitura.

Nesse contexto, ainda tendo em vista o mercado das *Fake News*, um nome surge, a “*Cambridge Analytica*”:

Para tornar uma longa história curta, trata-se de uma empresa, fundada em 2013 que, aproveitando-se do crescimento do *big data*, propunha fornecer serviços de análise de dados para fins comerciais e políticos. Em princípio o uso de dados para esses fins não é ilegal, desde que não fira questões de direito (SANTAELLA, 2020, p.9).

Na arquitetura das redes sociais, os constructos internos de entrega de conteúdo, orgânico ou pago, e o tráfego gerado, são pensados para o usuário, tendo em vista o que o algoritmo entende o que é de sua preferência. Dessa maneira, o marketing, principalmente o marketing político, se utiliza de informações privilegiadas, tais quais as que eram vendidas pela *Cambridge Analytica*, para planejar conteúdo e dispará-lo com maior efetividade, mirando em um público-alvo conhecido e previsível.

Os agentes políticos que fazem uso majoritário dessas informações, como aponta Santaella (2020), não são desconhecidos. A autora relembra o escândalo relacionado à empresa citada, e que tanto o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump à época, como grupos nacionalistas ligados ao Brexit eram clientes da organização.

A influência que isso teve nas eleições presidenciais foi desvendada por jornalistas investigadores, redundando, por fim, na falência da empresa e no questionamento do *Facebook* acerca da permissão de que dados privados de usuários sejam repassados a quaisquer interesses externos, o que põe o dedo na ferida do direito à privacidade (SANTAELLA, 2020, p.10).

Essa dispersão planejada de desinformação dentro dos episódios políticos deixa suas pegadas. No Brasil, três das cinco notícias mais partilhadas, na semana anterior a votação do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, eram falsas, como atesta o Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas de Acesso à Informação da Universidade de São Paulo (USP), após analisar o desempenho de 8.290 reportagens, em 117 veículos noticiosos entre 12 a 16 de abril de 2016 (LAVARDA; SANCHOTENE; SILVEIRA, 2016).

Em 15 março de 2020, a *hashtag* *#BolsonaroDay*, utilizada em prol de atos de rua ocorridos em favor do presidente, foi replicada por 23,5 mil usuários não humanos em um total de 66 mil usos da *tag* (FREITAS, 2020). Longe de uma perseguição política, o que se demonstra é o que é verificado por diversos estudos no universo da desinformação e da ação desinformativa inserida nos embates políticos atuais. Mesmo havendo a notificação de desinformações que sustentam as mais diversas filiações discursivas, há uma repetição constante de nomes, agentes e nichos do espectro político que instrumentalizam essa “indústria” de maneira categórica como aparelho discursivo.

2.3 O *Fact-checking* em questão

Em todo o seu embate de sentidos, o contexto da pandemia acabou por gerar um ambiente auspicioso ao jornalismo tradicional que, mesmo antagonizado por parte dos sujeitos, se tornou, para outros, um pressuposto de elucidação.

Assim, mesmo envolvidos em uma enorme desconfiança, surgida da polarização política e de episódios questionáveis no fazer jornalístico de diversas empresas de comunicação tradicionais, o panorama da desinformação deu a esses veículos uma oportunidade de resposta.

Surgiu, mundialmente, uma série de iniciativas do que foi chamado *Fact Checking*:

Da década de 2000 para cá, o dinamismo da internet fez com que etapas essenciais do método jornalístico fossem negligenciadas. Seja por conta do advento de coberturas em tempo real, seja por causa da diminuição da mão de obra disponível nas redações tradicionais, a checagem de fatos ante hoc (ou seja, feita antes da publicação) tornou-se etapa secundária da apuração e reservada apenas a grandes esforços de reportagem. A popularização das redes sociais e de equipamentos móveis também possibilitou que qualquer pessoa — sobretudo políticos — criassem seus próprios canais de comunicação sem qualquer preocupação particular com a precisão da informação por eles distribuída. A popularização do *fact-checking*, ou da checagem de fatos, surge nesse contexto. (AOS FATOS, s.d., online)

A checagem de fatos consiste, portanto, num novo produto jornalístico, que se propõe como mediador das informações recebidas indiscriminadamente na internet. Captando pedidos de checagem, por parte dos leitores, ou a partir de iniciativas de monitoramento próprio, esses portais passam a produzir matérias que tratam sobre as peças circuladas, discursos de personalidades políticas ou até mesmo diversos gêneros da própria mídia tradicional.

Como aponta Silva (2021), esses portais passam a se revestir de diversos dizeres que voltam a sustentar o sentido de confiabilidade para a mídia tradicional, da qual fazem parte. Com diversos deslizamentos de sentido entre as ideias de “boato”, “*fake news*”, “verdade”, “fato”, “informações falsas” e “notícia”, próprios de um trabalho pulverizado em várias frentes, surge um novo termo, uma “pós-notícia”, produto de uma verificação, ou reverificação (o que deveria ser naturalmente um pressuposto do trabalho jornalístico de base), carregado de um sentido de legitimidade: a “checagem”.

Através disso, esses portais elencam diferentes séries de “selos”, marcas que classificam uma informação recebida em diferentes categorias para o grande público, indo de um simples “verdadeiro” x “falso” para variações mais específicas como “subestimado”, “infundado”, “verdadeiro, mas”, entre outros deslizamentos.

2.3.1 Resgate da credibilidade

Esses empreendimentos, iniciados na década de 1990, chegam ao Brasil em 2010, a partir de projetos da Folha de S. Paulo, se desenvolvendo, nos anos seguintes, em novas iniciativas do jornal O Globo e da Agência Pública. Vale notar ainda que, desde 2002, o site E-farsas, fundado pelo analista de sistemas Gilmar Lopes, também já se propunha a checar boatos da internet no país, e segue em funcionamento até hoje.

No decorrer da última década, diversas outras iniciativas também foram fundadas. No país, quatro delas são, como mapeia Porfírio (2022), listadas pelo *International Fact-Checking Network* (IFCN), uma rede mundial de projetos checadores reunidos em torno do *Poynter Institute*, organização jornalística dos Estados Unidos, sem fins lucrativos, e operam segundo um código de conduta (INSTITUCIONAL..., s.d). São eles: o portal Aos Fatos, fundado em 2015; a agência Lupa, também fundada em 2015; o UOL confere, iniciativa de 2017; e o Estadão Verifica, criado em 2018.

Frente a ideia de “código de ética”, essas coalizões ressuscitam termos intrínsecos de um jornalismo que, na modernidade, vinham sendo arrefecidos. Se vinculam a dizeres que evocam as ideias de “apartidarismo”, “isenção”, “imparcialidade” e “neutralidade”.

Tais conceitos são questionados em si mesmos, não como mera forma de crítica a essas iniciativas, mas, como reflexão do que é realmente possível no fazer jornalístico. Partindo do pressuposto da AD, em que, novamente como descreve Orlandi (2005, p.33): “para que as minhas palavras tenham sentido, é preciso que já tenham sentido”, o pressuposto de desligamento de filiações de sentido externas ao texto já é, por si só, falha.

Uma vez que o sujeito, ao tomar a posição de sujeito-autor, formula enunciados carregados do já-dito, do que lhe assujeita enquanto língua e história, dentro das Formações Discursivas às quais se filia, muitas vezes sem dar-se consciência – leva-se aqui o que a AD entende como o fenômeno da ideologia (a estrutura de ideias, de imagens que posicionam o sujeito em sua relação imaginária com a memória e os sentidos propostos ao seu redor, dentro de um constante processo de esquecimento (ORLANDI, 2005)) –, a ideia de que o que se escreve é isento de filiações de sentido político é imprecisa.

Contudo, crê-se aqui que a adoção dessa normativa de ações possa permitir a tais iniciativas aproximarem-se, não de uma isenção apartidária, mas, de um lugar de ética no trato das informações, tendo em vista que, neste campo de atuação, a verificação e classificação das informações recebidas são pormenorizadamente descritas, e que os portais citados, aqueles

vinculados às coalizões internacionais de checagem, possuem ainda metodologia de análise publicamente divulgada.

Isso, porém, não isenta tais processos discursivos da contradição dos embates de sentido. Uma decisão do juiz Marcelo Augusto Oliveira, da 41ª Vara do Foro Central Cível de São Paulo, determinou a edição de duas reportagens do portal Aos Fatos, após duas publicações da revista Oeste serem classificadas como falsas pelo site. (HAIDAR, 2021). As publicações diziam respeito a declarações do prefeito da cidade de São Lourenço, no estado de São Paulo, quanto ao número de internações por Covid-19 refletirem a eficácia do chamado “tratamento precoce”.

O juiz classificou a publicação da Agência como agressiva, enquadrando o texto como “Abuso de direito”. A decisão, contudo, foi questionada e até criticada por diversos especialistas do direito, como cita entrevista do portal Jotainfo, que realizou cobertura sobre o caso. A afirmação a seguir é do procurador Anderson Schreiber, professor titular de direito civil da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e autor do livro “Manual de Direito Civil Contemporâneo”:

Os textos das reportagens da agência de checagem de fatos me parecem inteiramente objetivos, contextualizando dados que haviam sido usados para amparar manchetes que, ainda quando remetendo a discursos de terceiros, veiculavam fatos não verdadeiros, sem qualquer contraponto, como recomenda o Código de Ética Jornalística (art. 4º e art. 12, I e II). A decisão merece ser reformada. (HAIDAR, 2021, online)

Entre as entrevistas, fala também Gislene Figueiredo, que era secretária municipal de Saúde de São Lourenço na época das declarações e atuava como diretora de Saúde do município no momento da entrevista: “Como não tinha estudo, era uma coisa que a gente não comprovava. Não tem como comprovar que (a falta de internações) é por conta de remédios”. (HAIDAR, 2021, online)

A decisão, no entanto, descreve que a checagem feriria a liberdade de expressão dos jornalistas da revista, e que dizer que a informação falsa, repercutida sem contraponto, não é verdadeira, causou danos materiais e o morais ao veículo.

Por isso, foi determinada a exclusão das checagens realizadas, como também qualquer manifestação referente a elas, e multa diária perante o não cumprimento. Na redação da decisão é descrito que a requerente teria “sofrido o chamado ‘*fact-checking*’ pela agência de notícias requerida de forma totalmente indevida” (TJSP, 2021, p.112). Sendo empregado o termo “sofrido”, carregado de um sentido de ataque, posicionando a atividade de checagem, regulamentar e sistematizada, com um caráter negativo ou criminoso.

Como esse, outros processos para edição de checagens também já foram registrados, todos sob protesto de censura por parte das associações jornalísticas. Os portais passam assim, é importante registrar, também por uma construção de sentidos oposta: os veículos e sujeito-autores dos materiais aos quais são dados os selos de falso condenam a iniciativa de checagem, apontando-as como um cerceamento do seu direito à liberdade de expressão.

Esses dizeres são carregados do sentido de que essas coalizões seriam mais um mecanismo pelo qual a mídia tradicional “manipularia” os sentidos e os perseguiria, em conivência com aquele “sistema oculto”, repetidamente apontado nas SD's desinformativas.

Nesse contexto, diversos portais com recorrente agendamento desinformativo, catalogados inclusive também na presente pesquisa, sustentam enunciados onde condenam as agências de checagem por supostamente “propagar *Fake News*”, sustentando diversos discursos contra as instituições do país com base nas parcerias dos órgãos oficiais junto a esses empreendimentos, como pode ser lido na manchete: “TSE faz parceria com agência condenada por falsa checagem” (DEROSA, 2022, online).

Publicações semelhantes, onde portais enunciam a checagem da agência como uma “falsa acusação de desinformação”, ignoram, no entanto, que a decisão do juiz não levou em conta a veracidade das informações em si, mas, como apontado no parecer expedido pela 41ª vara cível de SP, apenas que o tom da reportagem seria abuso de direito, e que a categorização de uma informação, que é falsa, como falsa, traria prejuízos materiais ao jornal envolvido.

2.3.2 As agências selecionadas

Para o objetivo deste trabalho, o serviço de checagem é tomado não como um fim, mas como um caminho de resgate das materialidades desinformativas que circularam no Brasil, entre os anos de 2020 e 2021, consciente ainda dos contornos editoriais nesse recorte.

Tendo em vista os diferentes públicos, dos diferentes serviços de checagem em funcionamento no país, foram selecionados três portais de verificação, que serviram como fonte para a coleta de 1.154 peças de desinformação de diferentes materialidades simbólicas. Foram eles: o portal Aos Fatos e a Agência Lupa, dois dos mais antigos projetos concretos de checagem de fatos no país, vinculados a IFCN, e o projeto Comprova, coalizão coordenada pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI), financiado pela *Google News Initiative* e pela *Meta*, que reúne 42 veículos de comunicação brasileiros (PROJETO..., 2022), entre eles o Estadão e o UOL, englobando assim os demais signatários da IFNC no Brasil.

Essa escolha foi feita para a elaboração de um banco de dados (*apêndice A*) que reúne materialidades veiculadas nas principais redes sociais em efeito de rede no país. A seleção desses portais foi realizada também tendo em vista as ferramentas de navegação presentes em cada um: em outros endereços, onde o serviço de checagem fica posto como uma editoria, as ferramentas para resgate das publicações anteriores se mostraram bastante limitadas. Assim, o foco nos três portais citados permitiu um acesso mais assertivo para o cadastramento das materialidades estudadas.

Tendo início pelos arquivos do portal Aos Fatos, e em seguida pelos da Agência Lupa, foi possível filtrar todas as checagens realizadas pelas equipes, a partir das *tags* “2020” e “2021”, disponibilizadas pelos sites. Isso possibilitou verificar todas as checagens que se vinculavam aos dizeres sustentados por esses blocos de enunciados, dentro do mesmo espaço de tempo, permitindo observar mais largamente o interdiscurso presentificado nas peças circuladas.

Já no portal do projeto Comprova, foi possível apenas resgatar as checagens já marcadas pelo filtro “Pandemia”, navegando entre as matérias realizadas no período de análise dessa pesquisa: entre 1º de janeiro de 2020 a 31 de dezembro de 2021.

Assim, esta pesquisa buscou, verificando as condições de produção e o interdiscurso em circulação a partir dessas narrativas, definir um corpus de análise que tornasse possível entender de que forma o enredo sobre a suposta "farsa da Pandemia", em suas elaborações e contradições, reflete os projetos de poder intrínsecos às últimas décadas da política mundial (constituídos numa indústria desinformativa), para possibilitar maior autonomia crítica aos sujeitos envolvidos em tais enunciados dentro e fora do cenário pandêmico.

3 INTERDISCURSO OPERANTE: GUERRA PELA ETERNIDADE

Para perceber o objeto discursivo além da sua superfície linguística, é necessário um caminho de de-superficialização (ORLANDI, 2005). Descrevendo esse processo, Orlandi (2005) aponta a necessidade de se investigar as Formações Imaginárias envolvidas nas Relações de Sentido e de Forças presentes nos “vestígios do fio do discurso” (ORLANDI, 2005, p.65), para, assim, poder “contemplar o processo de produção de sentido em suas condições” (ORLANDI, 2005, p. 61).

Para entender como um objeto simbólico produz sentido, portanto, o analista descreve um caminho que pode ser adotado: observar o seu modo de construção, sua estruturação e circulação, assumindo diferentes gestos de leitura. A partir de então, observado o processo discursivo em funcionamento, é possível enxergar a Formação Discursiva (FD) ali operante e deprender a relação da ideologia nessa rede de filiação de sentidos. Encontra-se a historicidade do texto, a simbolização das relações de poder ali presentes, em sua discursividade (ORLANDI, 2005).

Tendo em vista o objeto da desinformação no contexto contemporâneo e como determinados discursos se perpetuam, traduzidos nesses gestos políticos, um cenário muito próprio se estabelece a partir dos movimentos da campanha de Donald Trump, em 2016, bem como das campanhas referentes ao Brexit a partir desse mesmo ano, que se relacionam com o episódio da *Cambridge Analytica* e diversos agentes ali envolvidos. Esse ponto de partida direciona uma série de análises sobre a política contemporânea.

Nesse sentido, Teitelbaum (2020), em seu registro documental/etnográfico da ascensão da extrema direita ao redor do mundo, intitulado “Guerra pela eternidade: o retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista”, demonstra alguns apontamentos pertinentes à discussão aqui posta, assim como as análises de Silva, Sugamoto e Araújo (2021) sobre o discurso conservador brasileiro também são elucidadores.

Começando pela obra de Teitelbaum (2020), esta descreve uma série de entrevistas que o autor realizou, entre 2018 e 2019, com personalidades que representam essas correntes políticas. Dessas figuras, três se destacam, representantes filosóficos de movimentos de direita que subiram ao poder nas últimas décadas: Olavo de Carvalho, dito filósofo, chamado de “guru” pela mídia brasileira, envolvido nas formulações de sentidos políticos no Brasil de Jair Bolsonaro; Steve Bannon, ex-estrategista-chefe da Casa Branca e conselheiro sênior do presidente Donald Trump; e Alexandr Dugin, cientista político russo, a quem também se credita certa influência como “guru” de Vladimir Putin.

Essas entrevistas delineiam o avanço dos dizeres e correlações que se deram entre essas personalidades políticas ao longo dos anos e as “múltiplas campanhas geopolíticas” elaboradas pela “intelectualidade alternativa de direita” que esses homens representam (TEITELBAUM, 2020, p.34). Uma série de movimentos de ressignificação dos dizeres políticos, com um alcance de ideias significativo.

Elabora-se, assim, a genealogia discursiva com a qual esses pensadores se apresentam, partindo principalmente das elaborações de Steve Bannon: todos se envolvem com o “Tradicionalismo”, originário da obra do esotérico francês René Guénon (1921), cujo pensamento foi posteriormente direcionado para as políticas de direita pelo fascista italiano Julius Evola (1934). Mesmo representando Formações Discursivas que se diferem, esses locutores têm, na raiz de seus dizeres, uma escola filosófica em comum.

Entende-se, a partir daí, que não se está falando de uma direita que é tradicional, mas sim de um “Tradicionalismo” como escola filosófica, que desliza até as figuras da nova direita moderna a partir de interlocutores que se empenharam durante décadas em tal empreendimento discursivo.

São, portanto, discursos derivados desse Tradicionalismo, que encontrariam vertente em diversos sujeitos identificados com o conservadorismo, enquanto dá vazão, voz, ou legitimidade a diversos grupos que se entendem como “Nova direita” no espectro político moderno. No pleito democrático, esses dizeres desembocam em grupos de direita (e extrema-direita) que se encontram legitimados e ganham volume nos processos eleitorais ao redor do mundo.

São diversos caminhos discursivos que suscitam a mesma necessidade de lutar contra uma “modernidade” a ser combatida – um símbolo sustentado por dizeres que carregam diversos sentidos diferentes, muitas vezes contraditórios num panorama geral –, com uma urgência que é proveniente dessa mesma raiz de pensamento.

Enquanto a cosmovisão Tradicionalista esotérica original, a partir de suas obras fundadoras, descreve uma interpretação hinduísta antiga da passagem do tempo, a contribuição e polissemia de diversos autores ao longo dos anos, deu a essa base de pensamento os deslizamentos de sentido que tal proposta assume na atualidade.

Nessa corrente, também chamada de Perennialismo, ciclos de milhões de anos seriam governados por diferentes castas, avançando por sobre uma derrocada de valores morais, onde, a cada passagem de tempo, uma casta de menor valor assumiria o poder social. O último desses ciclos, no qual estaríamos, seria o *Kali Yuga* (sombrio, em sânscrito), um período de perda moral e intelectual trazido por líderes pertencentes à casta de menor valor,

os escravos, promovendo um governo direcionado ao povo, em detrimento das castas que governaram anteriormente (as dos sacerdotes, guerreiros e comerciantes).

É uma visão amplamente baseada num idealismo classista e racial de antigas tradições religiosas, que dialoga com vertentes como o Hitlerismo esotérico, baseado nas ruínas do 3º reich alemão, que Bannon cita ao falar como enxerga Trump no cenário mundial.

Enquanto em Dugin, com a teoria da “Multipolaridade” (TEITELBAUM, 2020, p. 192), essa modernidade a ser combatida - o “universalismo” - se materializa no ocidente imperialista, para Bannon, a “tradição primitiva”, os valores e moralidades a serem preservados, estão guardados em pontos de globalização tardia do continente americano e nos EUA profundo. Essa “reinterpretação radical da geopolítica, da história e da humanidade” (TEITELBAUM, 2020, p. 35) culmina num ódio severo não só pelo comunismo, feminismo ou pelos movimentos pró-imigração, mas por todo o “ocidente judaico-capitalista-cristão-marxista” (TEITELBAUM, 2020, p. 44). Tudo aquilo que propõe uma universalidade de sentidos, segundo Dugin, feriria a “Multipolaridade”. Isso se estende também aos direitos humanos e às produções científicas.

3.1 Um jardim de aflições

No Brasil, as ideias dessa base filosófica deram uma curva radical em relação a seus pressupostos religiosos. Enquanto a filosofia de Guénon buscava o retorno a uma religião original que não existe mais, buscada em raízes antigas do Oriente Médio - como no Islamismo, deslizando assim entre o sufismo e o xiismo radical - para Olavo de Carvalho, “convertido” ao cristianismo ainda quando era líder de uma seita esotérica em São Paulo, essa busca à espiritualidade original faz um desvio em direção à Igreja Católica Apostólica Romana.

Sobre Olavo, Teitelbaum (2020) aponta que, mesmo distanciado das vertentes originais do Tradicionalismo, a pertinência dos mecanismos discursivos dessa escola filosófica no seu pensamento não se tornou menor:

Eu logo descobri que Olavo era uma espécie de tradicionalista, como Bannon e Dugin, e que suas credenciais no movimento em muito ultrapassavam as de seus colegas americanos e russos [...] Olavo vivia a tradição, nos modos, e até na linha institucional de seus fundadores originais (TEITELBAUM, 2020, p.166).

Segundo o autor, foi isso que motivou a aproximação política de Olavo com Bannon, em tempo da campanha de Jair Bolsonaro, mesmo não sendo membro oficial do governo.

Figuras como Ernesto Araújo, ex-ministro das Relações Exteriores do governo brasileiro e ex-aluno de Olavo, escritor de textos com referências a Evola, Guénon e Dugin em seu blog (TEITELBAUM, 2020), teria sido indicação do guru ao presidente.

Bannon conheceu também Eduardo Bolsonaro, endossando a campanha da família Bolsonaro no Brasil (STEVE..., 2018). O filho do presidente declarou ainda que o assessor de Trump se disponibilizou a dar dicas para a campanha do pai e comentou o encontro na mídia: “Bannon disse que a missão de Bolsonaro no Brasil será mais árdua que a campanha presidencial de Trump” (BRAZIL..., 2018, online, tradução nossa).

No discurso de Carvalho (2011), seriam três os agentes de dominação global: a elite governante da Rússia e da China (comunismo), a elite financeira ocidental (globalismo), e a “Fraternidade Islâmica”, chamados também de “Califado Universal” (CARVALHO, 2011).

Com isso, até certo ponto, essas forças acabariam por agir em colaboração, em momentos oportunos, numa relação de interesses, dentro do universo de valores invertidos, de um mundo decadente de moral e ideias, que seria característico do *Kali Yuga* para o Tradicionalismo de Guénon. Essa cosmovisão é sustentada em diversas materialidades dentro da ideia de “conspiração da pandemia”, como se verá.

Não se trata, portanto, de forças similares, de espécies do mesmo gênero. Não lutam pelos mesmos objetivos e, quando ocasionalmente recorrem às mesmas armas (por exemplo a guerra econômica), fazem-no em contextos estratégicos diferentes, onde o emprego dessas armas não atende necessariamente aos mesmos objetivos (CARVALHO, 2011, online).

Dentro desse universo de construções simbólicas abrangente, o apoio aos cristãos, ao estado de Israel e ao nacionalismo conservador americano seriam respostas possíveis para antagonizar com esse cenário mundial, lutando assim contra o chamado “marxismo cultural”, termo guarda-chuva que se refere a diversos grupos distintos, presentificados como antagonistas infiltrados na cultura e na produção de conhecimento.

Ao tratar do termo, Silva, Sugamoto e Araújo (2021) apontam o seu surgimento como uma pseudoteoria forjada por intelectuais conservadores americanos. Nela, se materializa o “inimigo”, a derrocada de valores, numa dita “guerra cultural” (SOUZA, 2014), ideia sustentada por esse conservadorismo, que se vê perpetuador de um passado idealizado que é ameaçado, tendo em vista uma distorção discursiva da leitura de Antonio Gramsci (1891 - 1937) e dos autores da Escola de Frankfurt no contexto da Guerra-fria, que se distancia do que é de fato o marxismo, sendo muito mais fruto de uma política identitária desses intelectuais.

Tendo como origem Lind (*Who stole our culture?*, 2007), e Minnicino (*New Dark*

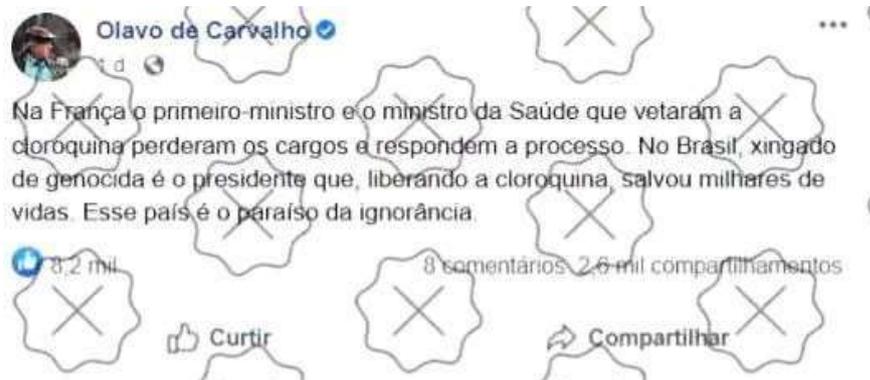
Age: The Frankfurt School and 'Political Correctness', 1992), assim como os textos de LaRouche (1922-2019) nos EUA da década de 1960, essa visão teria sido traduzida para o Brasil por Carvalho e se perpetua nas pautas morais e no pensamento político de diversos alunos que a reproduzem, e em comunidades religiosas, tendo destaque o discurso do sacerdote católico Pe. Paulo Ricardo e posteriormente também de teólogos protestantes.

Estes são os lugares próprios da vertente que a “tradição primitiva” toma no conservadorismo brasileiro. Essa visão ficou registrada pelo próprio Olavo, que comenta um debate entre ele mesmo e Dugin, realizado on-line, no qual os dois expuseram as diferenças de suas ideias (CARVALHO, 2011).

Vale apontar ainda uma construção de sentido muito cara ao tratar do discurso internacional reproduzido por Olavo e Bannon: a China como um inimigo. Os dois chegaram a compartilhar entre si a preocupação com os rumos da “ameaça chinesa” como um agente de dominação global (TEITELBAUM, 2020, p. 212), e Bannon e Dugin supostamente também teriam conversado sobre o tema, em novembro de 2018, onde o americano teria argumentado sobre como a tecnologia chinesa “não era confiável”, e que eles estariam tentando implantar “chips nas pessoas” (TEITELBAUM, 2020, p.205).

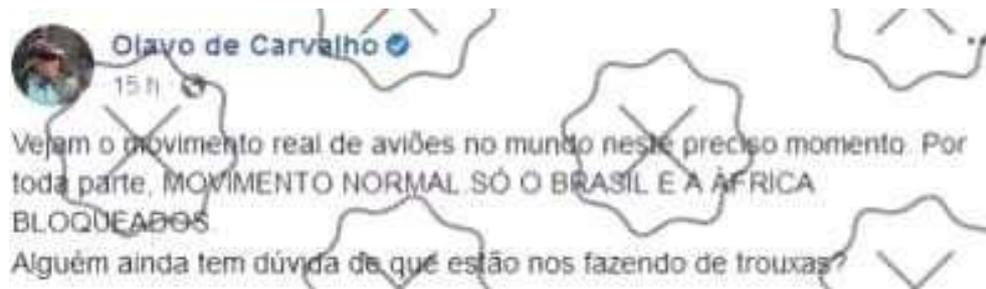
Esse recorte de análises sobre as conspirações conservadoras no cenário nacional e internacional se expõe aqui pelo seguinte motivo: os enunciados sustentados durante a pandemia no Brasil mobilizaram sentidos geridos dentro desse universo simbólico em suas Formações Imaginárias, Sociais e seus agentes reprodutores, convergindo diversos sujeitos que parafraseiam tais dizeres, quando não diretamente, sustentando pressupostos anticientíficos, de descrença na política e nas universidades, e construções de sentidos acerca do governo chinês e de grandes empresários americanos, que ecoam os efeitos de sentido sustentados por esse sítio de significação. O mesmo que o pseudofilósofo e seus alunos, ou seus correligionários ao redor do mundo, se esforçam em disseminar. Abaixo, seguem exemplos de materialidades coletadas neste trabalho que tem como locutor o próprio Olavo, sempre correlacionando descontextualizadamente, relações entre os acontecimentos no país com outros, de outras nacionalidades:

Figura 2 - Materialidade extraída de agência de *fact-checking*



Fonte: Portal Aos fatos, 2020

Figura 3 - Materialidade extraída de agência de *fact-checking*



Fonte: Portal Aos fatos, 2020

Os dizeres se relacionam diretamente a um fármaco sem comprovação (figura 2), sustentando que Bolsonaro “salvou milhares de vidas” “liberando a cloroquina” (que nunca chegou a ser proibida) e ao *lockdown* no país (figura 3), sustentando que a população está sendo “feita de trouxa”, e que o Brasil seria um “paraíso da ignorância”. Esses enunciados dialogam com a dialética do “marxismo cultural”, do comprometimento das instituições e da ignorância geral acerca desses supostos projetos.

Contudo, como aponta Pinheiro Neto (2021), o fanatismo político no Brasil não pode ser entendido senão tendo em conta todo o arcabouço histórico elitista/colonialista do país:

[...] Não podemos entender o cenário atual do Brasil, sob o viés autoritário, machista, patriarcal, homofóbico e com defeituosa inclinação democrática, sem uma necessária análise de seu passado de violências físicas, emocionais e estruturais perpetradas com o objetivo de dominação e manutenção dos poderes da elite dominante (PINHEIRO NETO, 2021, p.11).

O discurso da ameaça comunista permeia o já-dito no país desde o Governo Vargas, após a chamada Intentona Comunista (1935), de onde se origina diversas distorções discursivas referentes à atividade dos revolucionários, a partir das quais se forjou o chamado “Plano Cohen”, em 1937. A partir de então a narrativa anticomunista, em maior ou menor grau, permaneceu presente no Brasil e materializou novamente na Ditadura Militar e em discursos presidenciais desde a redemocratização, como os de Fernando Collor em 1989 (NEIVA, 2022).

Ao falar sobre as raízes dos sentidos com os quais a direita brasileira instrumentaliza seus dizeres, Pinheiro Neto (2011) cita o “marxismo cultural”, apontando, como também referenciam Silva, Sugamoto e Araújo (2021), o diálogo desse conceito com a expressão “bolchevismo cultural”, mecanismo usado pelo nazismo alemão do início de 1920, para designar qualquer movimento “modernista” que reivindicasse ideais de igualdade.

De acordo com os nazistas, o bolchevismo cultural seria uma tentativa de desgastar os valores tradicionais e do próprio regime hitlerista, que estaria encarregado de defender esses mesmos valores que o bolsonarismo finge defender. Com essa justificativa, o nazismo perseguia professores, esquerdistas e intelectuais na Alemanha, com destaque para aqueles vinculados à Escola de Frankfurt, que, por sua orientação marxista e consequentes perseguições, deixou a Alemanha em 1933 para instalar-se em Genebra, e depois em Nova Iorque, em 1935 (PINHEIRO NETO, 2021, p.54).

Dessa forma, esses dizeres, que mobilizam sentido de urgência frente a supostas “ameaças”, às “maquinações políticas mundiais”, se mostram deslizamentos de construções discursivas anteriores. São reproduções de Formações Imaginárias que deslizam de sentido, enquanto se sustentam através dos mesmos mecanismos e são instrumentalizadas por grupos políticos distintos, mas que reproduzem os mesmos objetos discursivos.

Esses dizeres são reproduzidos pela nova direita no Brasil, mas deslizam de sentidos propriamente nacionais. Repercutem muito mais as construções americanas, abraçadas pelo conservadorismo nacional, capilarizando seus sentidos conspiratórios também para outras Formações Discursivas.

3.1.1 O discurso Tradicional-Conservador de Direita

Uma vez postos em paralelo, o cenário da desinformação no Brasil e o caminho discursivo apresentado por Teitelbaum (2020), Silva, Sugamoto e Araújo (2021) e Pinheiro Neto (2021) se convergem. Nesse caminho, ao observar as relações de sentido que se construíram durante a pandemia no Brasil e analisar quem são os sujeitos envolvidos na

disseminação dessas materialidades é possível compreender as filiações discursivas intrínsecas. Observa-se, então, que a maioria dos materiais coletados são enredados em um universo simbólico específico:

Gráfico 1 - Paráfrases observadas durante a coleta



Fonte: Produção autoral

Quando se observa quem fala no universo das Fake News, qual a bancada de sentidos que tem maior pleito nesse espaço, uma predominância é mapeada. Na rede de sentidos observada, 92,6% das peças (1.069 materialidades desinformativas) concatenavam paráfrases de um mesmo discurso, relacionando diferentes objetos discursivos, de diferentes maneiras, enquanto mobiliza dizeres de fraudes e golpes, insultam agentes políticos ou questionam os métodos científicos aplicados no combate à pandemia, com base em dados equivocados ou falsos.

Também foram coletadas peças cujas informações falsas evocavam urgência à pandemia e crítica à atuação das autoridades, mas, seguindo em outra direção. Essas eram direcionadas ao presidente e seus apoiadores, ou sustentavam atenção à pandemia através de informações fabricadas. Outras eram fichários de crimes virtuais para roubo de dados, apelando para supostos benefícios direcionados à população economicamente fragilizada na

pandemia (30 no total). Todas essas foram taxadas no Banco de Dados (*apêndice A*) como “Falso” pertencimento à hegemonia.

Em menor número, por fim, restaram SD’s ambíguas, como por exemplo: “É recomendado que homens raspem a barba para o uso de máscara” (AFONSO, 2020a, online), sustentada numa falsa relação de força com órgãos de saúde. O efeito de sentido desliza entre deslegitimar os órgãos oficiais ou reforçar os cuidados com a pandemia, com um teor dúbio a depender do gesto de leitura do sujeito. Desse modo, seis das peças foram classificadas como “flutuantes”.

Contudo, a maioria das materialidades demonstram não apenas o compartilhamento entre figuras de autoridade, como sustentam uma mesma construção de sentidos sobre os acontecimentos, além de estarem envolvidas em uma série de mecanismos semelhantes de discurso e distribuição. Portanto, essas foram compreendidas como filiadas à uma FD Tradicional – Conservadora de Direita, cujos elementos mesclam constantemente os sentidos do Tradicionalismo, deslizado a partir de Guénon, com o conjunto de saberes do universo Conservador brasileiro, em sua identificação com o espectro de Direita (discursos que se identificam com a extrema direita brasileira, ou inconscientemente reproduzem seus dizeres integralmente), atravessadas ainda por outras FD’s (conservadora cristã, militarista, esotérica, entre outras...) que reproduziram sentidos agregados ao discurso Tradicionalista em suas construções.

Dissecando esse universo simbólico, a construção de sentidos passa por figuras muito específicas, sujeitos que se impõem como autores de diversos enunciados complexos, carregados dessa historicidade anterior, com deslizamentos de sentido que ligam os processos políticos ocorridos no Brasil com aqueles ocorridos nos Estados Unidos e na Europa nas últimas décadas, e que culminaram na ascensão política de grupos muito característicos, como descrevem os recortes etnográficos aqui expostos.

3.2 Real x imaginário: uma escola de sentidos

O domínio simbólico no qual se inserem os pensadores de direita pressupõe uma série de ações para a circulação das suas cadeias de sentido. Na Europa, Alexandr Dugin viajou por diversos países, e esteve envolvido na mobilização de vários eleitorados nacionalistas. Ele também esteve relacionado a Arktos, editora húngara de autores de extrema direita.

Já Steve Bannon foi vice-presidente da citada *Cambridge Analytica*, que vendia informações para indústria desinformativa americana e europeia, e esteve envolvido, assim

como Dugin, em palestras ao redor do mundo, inclusive em congressos no Vaticano (TEITELBAUM, 2020).

No Brasil, Olavo de Carvalho abriu uma escola de filosofia e era produtor ávido, com sua equipe, de uma diversidade de mídias, entre elas livros campeões de vendas, materiais online e lives, além de suas ideias serem propagandeadas em palestras ao redor do país (figura 4):

Figura 4 - Material de divulgação, circulado online



Fonte: Grupo de Estudos Conservadores (GEC), 2017

Eventos como o referenciado na Figura 4, ocorrido na cidade de Maceió, em Alagoas, e grupos de estudo semelhante se espalharam pelo país, propondo revisões dos eventos políticos do Brasil à luz do conservadorismo. Entre as palestras realizadas no encontro conservador, figuram os temas: “Movimento revolucionário e a degradação dos valores” e “As perspectivas olavianas para a saída da crise de valores e a restauração da cultura”.

Outras iniciativas de diferentes nichos, como grupos de viés neoliberal, no campo econômico, ou mídias religiosas, no que diz respeito a pautas morais e ao anticomunismo, mobilizaram também diferentes estratégias de mídia, com material que reproduzia discursos semelhantes, mesmo perdendo a figura de Olavo como ponto central.

Isso porque, dizeres que sustentam sentido de “escolarização” de saberes, apropriados o sentido de “verdade” e mobilizando os sujeitos numa luta do “bem” contra o “mal” são parafraseados por vários sujeitos-autores dentro dos enunciados propostos pelo discurso conservador, ora pela urgência tradicionalista contra a modernidade, ora pelo evangelismo pregado no discurso religioso.

3.2.1 A permanência da representação

Para além do Olavismo, tem-se no Brasil iniciativas como a rede multimídia “Brasil Paralelo”, apontada pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que investigou as responsabilidades do governo federal durante a pandemia, como um canal de desinformação e espalhamento de *Fake News*. O relatório final da CPI citou o site da produtora no “Núcleo de produção e disseminação” de *fake news*, além de outras páginas na internet e perfis nas redes sociais. (GHIROTTI, 2022).

Autoafirmando-se apartidária e sustentada na construção de sentido de “busca pela verdade” e “resgate dos bons valores”, a companhia é investidora milionária em *anúncios online*, com valores altos despendidos no disparamento de *Ads* no *Google* e no *Facebook*, além de orçamentos gigantescos direcionados para documentários revisionistas (GHIROTTI, 2022). A empresa, inclusive, teve os anúncios taxados como campanha política pelo *Google Ads*, apesar de seus colaboradores afirmarem que a classificação foi equivocada.

A narrativa construída por Brasil Paralelo nos remete diretamente às características típicas do ambiente (des)informativo em curso, onde novos atores - no alargamento de seus espaços fechados, explorados por uma partilha afetiva comum - entram em cena para disputar a legitimidade e o reconhecimento de suas “verdades”. Neste caso, há uma evidente preocupação em refutar o discurso de seus opositores, uma vez que seriam eles os responsáveis diretos pela desinformação, pela manipulação e pela produção de propaganda ideológica enviesada (BONSANTO, 2021, p.10).

Dessa maneira, essas iniciativas diversas expõem em conjunto materialidades desinformativas e outros tipos de produção simbólica, que ressignificam e operam sentidos específicos para os acontecimentos históricos. Dentro da Formação Imaginária reproduzida por esse nicho de sentidos, é apontado um “antagonismo” a todo enunciado que proponha uma outra imagem dos fatos, impondo visões de mundo e formulando sentidos que se assujeitam como verdades categóricas, relacionadas à visão do “marxismo cultural”, que, “mesmo epistemologicamente confuso, possui densidade semântica na medida em que impulsiona determinados projetos de poder” (SILVA et al., 2021, online).

Figura 5 - Materialidade extraída de agência de *fact-checking*



Fonte: Agência Lupa, 2020

Como exposto acima, conteúdos semelhantes, que se afirmam “escolas do conservadorismo”, não são raridade. São diversos os enunciados carregados do sentido de “ensino” ou “resgate” de uma visão histórica deixada de lado, sempre apresentando dizeres sobre uma conspiração de esquerda no mundo, dentro das instituições.

Na peça apresentada, além da falsa relação entre as imagens da primeira-ministra e a rede de sentidos que se segue, o vídeo, relativamente bem-produzido, enquanto identidade visual, locução e edição, carrega ainda como logomarca um capacete templário, remetendo a um nicho conservador, vinculado a dizeres supostamente católicos, que sustentam diversos símbolos medievais e o uso do latim como deslizamento do sentido de rejeição à modernidade e busca pela tradição.

A alegação de que a vacinação é uma farsa e de que a primeira-ministra australiana estaria fingindo recebê-la, numa encenação, pressupõem uma estrutura midiática que sustenta toda a ideia equivocada de “teatro da pandemia”.

A informação, uma vez carregada do sentido de verdade negada, é concatenada com diversos encaminhamentos para cursos direcionados à “militância conservadora”, isto é, para que os jovens, assujeitados a esses dizeres, se revistam de uma rede de saberes para estarem

“preparados” para sustentar esses discursos, se posicionando como sujeitos ativos, reprodutores de enunciados. Observando as *hashtags* presentes na figura 5, há ainda um ataque à mídia tradicional (#globolixo) e a reafirmação do apoio à presidência da república como saída para esse cenário fabricado de mentiras e dissimulações globais (#bolsonarotemração e #direitaraizébolsonaro).

A reinterpretção histórica e social proposta por esses conteúdos, associada ao compartilhamento de desinformação que sustenta essas versões dos acontecimentos, estruturam o imaginário atual de diversos sujeitos em suas posições políticas, impelidos a parafraseá-lo.

O discurso não tem como função constituir a representação de uma realidade. No entanto, ele funciona de modo a assegurar a permanência de uma certa representação. Para isso, diríamos, há na base de todo discurso um projeto totalizante do sujeito, projeto que o converte em autor. O autor é o lugar em que se realiza esse projeto totalizante, o lugar em que se constrói a unidade do sujeito. Como o lugar da unidade é o texto, o sujeito se constitui como autor ao construir o texto em sua unidade, com sua coerência e completude. Coerência e completude imaginárias (VIGNAUX apud ORLANDI, 2005, p.73).

Essas construções levam, assim, a que o sujeito não se entenda apenas como “aluno” de tais ideias, mas, como “partícipe” de um projeto maior. Essa noção impõe sobre tais reproduções políticas um sentido de dever, de responsabilidade, que ganha, dentro de uma construção militarista e evangelista, um lugar de combate, deslizamentos ligados ao antagonismo com a “modernidade” e seus perigos. Isso impõe ainda uma automática desidentificação¹ (PÊCHEUX, 1995) do sujeito com qualquer narrativa que suprima essa perspectiva.

3.2.3 Interdiscurso e esquecimento

Nesse espaço, assujeitados a uma série de redes de sentidos, o processo de esquecimento estrutura a memória do sujeito sob a ilusão da originalidade. Nessa visão, não seriam dizeres que se impõem, mas sim, “verdades” que se oferecem, integrando o indivíduo como associado de algo maior, supostamente “pelo bem e pela integridade”.

Daí, o interdiscurso que se estabelece, ou seja, o já-dito que opera naquela coletividade, é o da certeza de uma visão maior, não uma opinião ou parte de uma temática.

¹ Pêcheux (1995) descreve a relação da forma-sujeito frente ao discurso a partir de três modalidades distintas: uma primeira onde o “interdiscurso determina a formação discursiva” (p.215); uma segunda, na qual o sujeito contesta o já-dito, deslizando-o de sentido; e, por fim, uma terceira, caracterizada pela “desidentificação” (p.217), uma rearticulação de identidade que desloca a forma-sujeito para outra formação discursiva.

Esse agendamento discursivo se propõe ali como um subtexto de toda a existência do sujeito, que protagoniza a luta do bem contra o mal, no seu imaginário.

Desse modo, os prognósticos sobre os problemas da China, da esquerda e da construção da falsa pandemia são absorvidos pelo contexto político interno do Brasil e seu embate de sentidos.

Figura 6 - Materialidade extraída de agência de *fact-checking*

Não se enganem, a mesma vacina de Bill Gates e Melinda Gates será a mesma de Xi Jinping e outros países. Todos os países que fazem parte da Nova Ordem Mundial tem um acordo global com essa vacina, podem até mudar de nome para não dispersar o medo na população. O que mais revolta é a probabilidade da vacina ser obrigatória.

Só não devemos esquecer que no meio de tudo isso há um plano maior.

Me diga, Por que Jesus não foi intimidado por Pilatos?

Disse-lhe, pois, Pilatos: "Não me falas a mim? Não sabes tu que tenho eu poder para te crucificar e tenho poder para te soltar?"

Respondeu Jesus: "Nenhum poder terias contra mim, se de cima não te fosse dado; (João 19 10-11)

Ou seja, nenhum poder há na Elite mundial se Deus não permitir, se não for o tempo, tudo irá se sucumbir, e o mal que tanto querem, se reverterá contra a Elite globalista illuminati.

Deus tem poder para aqueles que tomarem inocentemente a vacina, e ela for para causar mal, Deus irá multiplicar sua vida e saúde na terra, confundindo o inferno mais uma vez.

.....
#vacina #joao19 #covid #corona #seringa #melindagates #billgates #china #butanta #sp #nwo #NovaOrdemMundial #fim #começo #Deus #God #ccb #canalonoff #CanalOnOffRedemption

Fonte: Agência Lupa, 2020

Figura 7 - Materialidade extraída de agência de *fact-checking* (parte da figura 6)



Fonte: Agência Lupa, 2020

Os agentes políticos da oposição passam a ser envolvidos pelo sentido de conivência e parceria com a China, em sua hipotética estratégia de domínio. E nisso, o uso do humor, na linguagem memética, é recorrente. Na peça apresentada acima, João Dória, o então prefeito da cidade de São Paulo, oposição ao presidente brasileiro, é alvo de caricatura junto ao presidente chinês, Xi Jinping, segurando uma seringa gigante, pronta para injetar o vírus na população.

A aplicação da vacina é chamada de ‘testagem’, o que desloca imediatamente seu sentido, posicionando os cidadãos como cobaias de um fármaco incerto, proposição amplamente sustentada no discurso Tradicional-Conservador de Direita. A informação da quantidade de pessoas a serem vacinadas deixa de ter sentido de remediação da emergência sanitária e assume um efeito de ameaça.

Na legenda da figura 6, é possível observar a perspectiva de mundo tradicional-conservadora. A vacina não é apenas “chinesa”, como também é do dono da *Microsoft*, Bill Gates (grande empresário ocidental globalista), unidos no sentido de controlar a população, obrigando-a a receber a vacina.

O enunciado é ainda recheado de dizeres de cunho religioso, colocando a divindade cristã, a crença católica de que Deus está cuidando de tudo, como um conforto à população e uma ameaça aos inimigos. O sujeito, portanto, se identifica com este lugar de fé, impelido não só à essa imagem geopolítica, como ao pressuposto espiritual de que essas pessoas, a vacina, e o processo de imunização no país, é um método envolto pelo mal, pelo diabo, antagonizado com as forças do bem, da veracidade e da justiça.

A peça provoca, assim, um sentimento de estranheza com o cenário de combate epidemiológico, evocando uma relação de medo ao imunizante, relacionando a Coronavac (dita chinesa) com o imunizante *Pfizer*, de um laboratório americano.

Enunciados como o da figura 6, circundado de revolta e reatividade, direcionam os sujeitos não ao mero temor, mas à necessidade de uma resposta. A campanha *#filmyourhospital* (GRUZD; MAI, 2020), por exemplo, promovia que o interlocutor produzisse enunciados desinformativos, invadindo os hospitais para lá flagrarem a “farsa da pandemia”.

No Brasil, o deputado estadual Coronel Telhada (PP-SP), ao lado de outros parlamentares, se deslocaram até o hospital de campanha do Anhembi, em SP, e filmaram uma ala vazia, na época recém-inaugurada para o atendimento de Covid, sustentando que a falta de equipamentos e pacientes era um demonstrativo de que a pandemia seria uma fraude.

Também participaram da mesma visita os deputados estaduais Adriana Borgo (PROS-SP), Márcio Nakashima (PDT-SP), Leticia Aguiar (PSL-SP) e Sargento Neri (Avante-SP). Em nota, a prefeitura de São Paulo afirmou que os parlamentares invadiram o hospital de campanha e colocaram em risco a própria saúde e a dos pacientes internados, por não estarem com equipamentos de proteção individual. (MORAES, 2020a, online)

Os parlamentares responderam à checagem que as alegações da prefeitura eram caluniosas. Em outro caso, após uma gravação caseira viralizar no *Facebook*, uma cidadã belo-horizontina passou a ser investigada pela Polícia Civil de Minas Gerais por ter publicado que os caixões enterrados pela prefeitura de Belo Horizonte eram fraudados com pedras e madeiras (PACHECO, 2020). Após prestar depoimento e ter o aparelho celular apreendido para investigação, ela gravou outro vídeo, pedindo perdão às autoridades e às famílias das vítimas pelo ocorrido.

Isso pulveriza o cenário de circulação de *Fake News* no Brasil com outra série de textos, não mais produzidos e veiculados em um contexto de instrumentalização da produção desinformativa, mas, elaborados em massa por diversos cidadãos anônimos, em seus círculos

mais íntimos de veiculação de dizeres.

3.3 Dispositivos Analíticos

No que tange à AD, enquanto área do saber e produção de conhecimento, se faz necessário estabelecer parâmetros na investigação dos efeitos de sentido e no entendimento de como os mecanismos discursivos evocam imagens no sujeito, estruturando a apuração da Formação Ideológica envolvida.

São elaborações teórico-metodológicas diversas, elencadas como dispositivos de investigação, que permitem ao analista compreender de maneira mais assertiva o seu gesto de estudo. Assim sendo, as SD's desinformativas resgatadas foram sistematizadas em condição de análise (SEVERINO, 2007), extraindo seus indicativos e características de produção e circulação.

No universo amostral aqui descrito, foram catalogadas 479 imagens, 298 vídeos, 149 *links* e 128 textos verbais, entre outras materialidades menos recorrentes (áudios, tweets, entrevistas, perfis falsos, depoimentos e lives), cujos dizeres sustentados reforçam indicativos em comum.

3.3.1 Mecanismos de sentido

Para observar esses indícios que se repetem, é positivo salientar que são dois os fenômenos classificados como “esquecimentos” pela AD: um é ideológico (inconsciente), que está na já falada ilusão da originalidade da fala. É o que sustenta a memória discursiva do sujeito de modo a pensar que ele é o primeiro a elaborar aquele enunciado (PÊCHEUX, 1995).

Esse tipo, já exposto, nos aponta para a base do discurso Tradicional-Conservador de Direita. É um caminho para entender qual o interdiscurso operante e que se une ainda a outras redes de sentido, mais difusas, interferindo na Formação Ideológica de sujeitos em diferentes sítios de significação (no esoterismo moderno, no conservadorismo cristão, no extremismo islâmico, ou no discurso neoliberal), que acabam por reproduzir e sustentar dizeres semelhantes sobre a pandemia, em detrimento das instituições, repletos de sentidos anticientíficos que se estabeleceram sob uma mesma base discursiva.

Já o outro “esquecimento”, como descreve Pêcheux (1995), é enunciativo (ainda semiconsciente), e habita na forma como o enunciado é dito, em detrimento de outra

possibilidade. Isso aponta para o que revelam as escolhas linguísticas, como as coisas são colocadas, a seleção de palavras, a forma como a informação foi exposta.

Além de indicar uma “linguagem”, um “jeito de falar” característico dos grupos a que se revela filiado, aqui ele evidencia também sintomas específicos que podem ser associados ao processo desinformativo.

Na classificação das peças coletadas, foram verificados 14 indicativos em suas escolhas semânticas: apelo religioso; falsa relação de força; construção textual análoga; cromatografia análoga (repetições no uso das cores); falsa ligação (materialidade verdadeira revestida de dizeres que fogem ao fato, quer dizer, descontextualizada); falso relato de experiência; linguagem de humor (vexatória, jocosa, ou memética); informação fabricada; montagem ou manipulação digital; perfil falso; relação forçosa ao comunismo; e, por fim, “simulação de notícia” (peças que fugiam do formato próprio das redes sociais para sustentar um pressuposto de autoridade simulando convenções dos veículos jornalísticos – Título e subtítulo, chapéu, diagramação análoga a perfis noticiosos, apresentação como veículo de imprensa, *link* noticioso, etc.).

Esses indícios dizem respeito à estruturação das peças desinformativas observadas, dentro dos diferentes veículos e formatos ali representados, presentes repetidas vezes nas diversas materialidades. Eles se adaptam aos diferentes objetos simbólicos, que repetem, de diversas maneiras, esses mesmos comportamentos semânticos.

Dentre esses diferentes objetos, as materialidades gráficas se destacam. As imagens são o elemento dominante no universo de *Fake News* estudado, tendo confecção prática, efetiva circulação em diferentes meios, e efeitos de sentido imediatos já no primeiro olhar, carregado de dizeres em seus vários elementos semânticos.

3.3.2 A “cor da revolução”

A cor “é um elemento de sintaxe da linguagem verbal” (GUIMARÃES, 2004, p.15), que opera não apenas segundo estímulos biopsicológicos de recepção, mas codifica uma série de relações culturais, numa “memória não hereditária da coletividade” (GUIMARÃES, 2004, p.85).

Essa relação dos sujeitos com a cor na sociedade e com o modo como ela é aplicada nos acontecimentos sociais, em geral, foge ao domínio do interlocutor. Contudo, um uso solidificado, parafraseado um grande número de vezes, gera relações específicas no uso da cor por determinados sítios de significação. Daí, o efeito que se sustenta no sujeito caminha mais

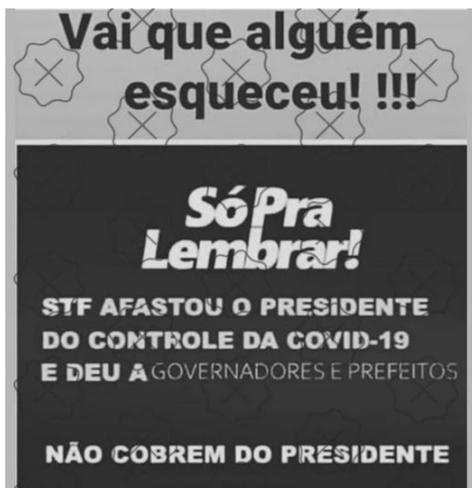
ou menos numa mesma direção, dentro daquele contexto.

Orlandi (2005) exemplifica o uso da cor na formação de sentidos políticos demonstrando uma possibilidade específica: uma faixa de cor preta, com dizeres na cor branca “Vote sem Medo!”, pendurada em um campus universitário durante eleições internas da instituição, considerando o que essa construção suscita enquanto efeito de sentido:

A faixa preta traz em si uma memória. Se a observamos do ponto de vista da cromatografia política, o preto tem sido a cor do fascismo, dos conservadores, da "direita" em sua expressão política. Por outro lado, as palavras "sem medo", que parecem apoiar o eleitor em sua posição, trazem dois efeitos a elas apenas: 1. Lançam a suspeita sobre algum dos candidatos (que estaria ameaçando os que não votassem nele...) e 2. Falam em "medo", sugerindo um perigo, uma ameaça. Outro efeito de sentido que também aí funciona, mas de modo mais indireto, é o de que, se essas entidades assinam algo que produz os dois efeitos acima, significa que elas estão tomando posição contra algum dos candidatos que elas fazem supor que ameaçaria os eleitores. Logo, elas deixam de ter neutralidade, o que é um princípio ético eleitoral. O que resumimos dizendo que a faixa preta mobiliza os sentidos do medo (ORLANDI, 2005, p.29).

Tendo em vista o uso da cor preta como um signo fascista/conservador que se sustenta, no Brasil atual há um deslizamento de sentido dessa memória discursiva, após a ascensão da campanha política populista de direita que se formou na última década:

Figura 8 - Materialidade extraída de agência
de *fact-checking*



Fonte: Agência Aos Fatos, 2020

Figura 9 - Materialidade extraída de agência
de *fact-checking*



Fonte: Agência Lupa, 2020

É observável, no escopo das peças espalhadas durante a pandemia, que o simbolismo das cores da bandeira nacional é absorvido por esse domínio semântico no país, mobilizando um sentido de segurança, verdade e justiça, dentro de dizeres nacionalistas que colocam tal grupo como real guardador de um patrimônio cultural, de uma tradição histórica, sustentado no interdiscurso patriota ufanista que é erigido no Brasil dentro de um espaço bastante militarizado, haja vista o processo republicano e o episódio da Ditadura Militar (1964-1985) – acontecimento histórico-discursivo exaltado dentro dessa rede de sentidos. Desse modo, o autoritarismo político deixa de se revestir apenas do lugar do medo, adicionando a essa relação um sentido ufanista que exalta uma nova segurança, sustentada em dizeres que pressupõem defesa, honestidade e legitimidade.

Nas peças acima, a responsabilidade das ações de combate à pandemia é transferida, num embate de sentidos, para a categoria “governadores e prefeitos”, na intenção de eximir a presidência da república das consequências da ingerência da emergência sanitária no país, tendo em vista decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) de que os gestores teriam liberdade de ação no enfrentamento da Covid-19.

A decisão não afastava o Executivo Federal da promoção de ações de combate, nem limitava os poderes da união para tanto, mas isso foi largamente assumido sob a construção de sentidos acima, parafraseada em diversos modelos da imagem e em falas dos próprios agentes do executivo federal e seus aliados. O verde e amarelo como recurso semântico, além da bandeira como um signo recorrente, é usado em diversas construções simbólicas nas *Fake News*, depreendendo identidade e autoridade.

Uma vez declarado esse pertencimento, o sujeito faz oposição à uma outra construção cromática desse campo simbólico, o vermelho. Os “governadores e prefeitos”, principalmente algumas figuras públicas em específico, dentro do contexto partidário de oposição política, ficam cerceados de associações forçadas à China e à esquerda, o que evoca, no interdiscurso operante, a representação do inimigo, do mal, da inverdade, dos responsáveis pelos problemas políticos e morais do país:

Figura 10 - Materialidade extraída de agência de *fact-checking*



Fonte: Agência Aos Fatos, 2020

Figura 11 - Materialidade extraída de agência de *fact-checking*



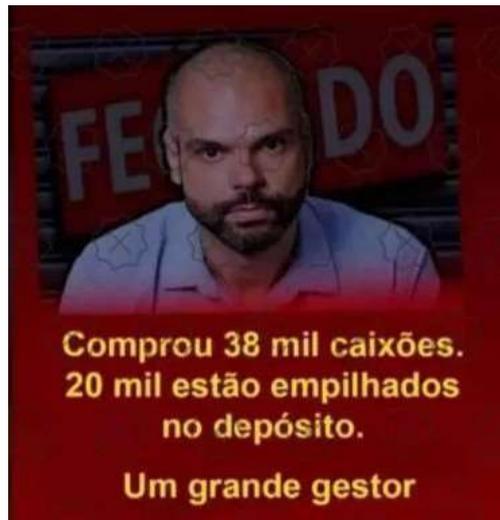
Fonte: Agência Aos Fatos, 2020

Figura 12 - Materialidade extraída de agência de *fact-checking*



Fonte: Lupa, 2020

Figura 10 - Materialidade extraída de agência de *fact-checking*



Fonte: Agência Aos Fatos, 2020

Figura 14 - Materialidade extraída de agência de *fact-checking*



Fonte: Lupa, 2020

Dentro dessas reproduções, as figuras 10, 11 e 14 suscitam referências ao imunizante e aos políticos envolvidos na campanha pela vacinação no país. Nas duas últimas, há um pressuposto de deslegitimação das figuras políticas, sustentadas em associações falsas entre essas pessoas e movimentos políticos, deslocadas de contexto. Na primeira, além desse sentido estar exposto na associação da imagem de João Dória com o presidente Xi Jinping, os dizeres expostos, reproduzindo uma cromatografia autoritária clássica, apontam para sequelas falsas que seriam causadas pela vacina, sustentando o sentido do medo em relação à campanha de vacinação e a aplicação do imunizante na população.

Já na imagem 13, a foto do ex-prefeito de São Paulo, Bruno Covas, é associada a compra excessiva de caixões para a cidade, sugerindo que as mortes por Covid não chegaram ao que estava sendo exposto na mídia, em outras palavras, que não haviam mortos para enterrar naquela quantidade. Além de sustentar que a mídia estaria exagerando ao tratar da pandemia, leva ainda

a um sentido de crítica à gestão do falecido prefeito, colocado como conivente à “farsa da pandemia” e/ou mau gestor.

Em outra direção, a imagem 12 sustenta dizeres sobre a obrigatoriedade do uso da máscara. Por um momento, a figura da OMS desliza do sentido de agente global do caos e volta a sustentar um pressuposto de autoridade, utilizando-se de uma falsa fala da entidade para deslegitimar a medida restritiva no país.

O enunciado mobiliza, noutro contexto, o mesmo sentido de medo envolto nessa rede de dizeres, descrevendo uma possível motivação escusa para a manutenção dessa obrigatoriedade, que é, implicitamente, de responsabilidade dos gestores de saúde estaduais e municipais. Além disso, o uso do vermelho, associado à figura de Mao Tsé-Tung, líder comunista chinês, usando uma mascarará, embebe o dizer do lugar anticomunista do discurso, da ideia de “ameaça chinesa”, que estaria utilizando a medida como subterfúgio de dominação. Os dizeres verbais apresentam perguntas que são imediatamente respondidas pelos dizeres imagéticos agregados. Perguntas essas, não ingenuamente, enunciadas em verde e amarelo.

A cor está, de fato, impregnada de informação, e é uma das mais penetrantes experiências visuais que temos todos em comum. Constitui, portanto, uma fonte de valor inestimável para os comunicadores visuais (...) a tudo associamos um significado. Também conhecemos a cor em termos de uma vasta categoria de significados simbólicos. O vermelho, por exemplo, significa algo, mesmo quando não tem nenhuma ligação com o ambiente. (DONIS, 1991, p.38)

Guimarães (2004), no estudo da cor como informação, aponta que o uso do vermelho como indicial à esquerda ocorre desde o acontecimento da Comuna de Paris, em 1871:

[...] Tornou-se a cor dos comunistas e da esquerda. É a cor do materialismo, do fogo que transforma e, portanto, a cor da transformação, da revolução. É também a cor da ação e imposição, marcas dos processos revolucionários. Na política, se opõe ao branco, da direita, tanto na Revolução Francesa quanto na Revolução Russa e em outros movimentos políticos posteriores. [...] Pelos contrarrevolucionários, o vermelho recebe a conotação de perigo, uma ideia muito difundida para combater as manifestações e reivindicações populares quando orientadas por grupos políticos: o perigo do comunismo (GUIMARÃES, 2004, p. 121).

Sobre essa aplicação, Donis (1991), em *A primer of visual literacy*, fala sobre essa relação citando um fragmento do poema "*The People, Yes*", de Carl Sandburg:

Sendo vermelho o sangue de todos os homens de todas as nações, a Internacional Comunista fez vermelho seu estandarte. O papa Inocêncio IV deu aos cardeais seus primeiros capelos vermelhos, dizendo que o sangue de um cardeal pertencia à santa mãe igreja. O vermelho, cor de sangue, é um símbolo (SANDBURG apud DONIS, 1991, p. 39).

Essa referenciação é, portanto, usada em diversas soluções gráficas na aplicação simbólica da cor (GUIMARÃES, 2004), que são mecanismos de construção de sentido: a aplicação como cor de fundo, que afeta a percepção da figura principal; aplicação tipográfica, principalmente em primeiro plano; aplicação a um objeto ao qual a cor não pertence, forçando uma busca de significado; nos recursos gráficos para destaque de uma área; ou a alteração de todo o matiz de uma cena, formando um filtro de cor que atribui diferentes atmosferas à leitura da imagem.

Assim, Guimarães (2004) aponta, observando o uso do vermelho na mídia, que tais aplicações tendem a operar por uma conjugação do vermelho como perigo, ou referenciação à esquerda, inflexionado como “ruptura da ordem social” – com exceção ao sentido da sensualidade, que não se aplica aqui, mas também é recorrente.

No Brasil, o discurso anticomunista, largo utilizador desse repertório simbólico, é sustentado no mesmo interdiscurso que se estabelece no país desde Vargas. São dizeres já estabelecidos na memória discursiva dos sujeitos de maneira bastante sólida.

Esses dizeres ainda se ressignificam com a tomada do domínio simbólico Tradicional-conservador em seus deslizamentos, construindo um universo de sentidos que foge ao real do espectro político, onde todo agente enunciado como suposto antagonista das forças da verdade, da fé e da moral, é, portanto, representante dessa alegoria de “esquerda”, símbolo de divergência, hostilidade e perversão.

Dessa maneira, propondo uma binaridade bélica, há um “nós” contra “eles”. Um sentido de oposição constante que se forma em dizeres anteriores à pandemia, mas que se sustentam nas formações de sentido oportunas do fazer desinformativo no contexto do vírus.

Em muitas materialidades isso se fragmenta, carregando de maneira implícita a rede de sentido que infere o seu contexto interdiscursivo, são dizeres que se expõem apenas na construção de pressupostos implícitos. Em outras, no entanto, uma grossa camada de discursos se sobrepõe em uma verborragia de enunciados conspiratórios que se expõem diretamente. É o que se nota na legenda que acompanha a publicação da figura 15 no *Facebook*:

Figura 15 - Materialidade extraída de agência de *fact-checking* (parte da *figura 14*)

Doria impõe obrigatoriedade das vacinas para covid a todos os cidadãos do estado de São Paulo. Uma vacina a qual não sabemos seus efeitos colaterais, na Inglaterra um jovem está tetraplégico, na China dizem que houve 2034 mortes de cobaias por efeitos adversos. Essa será a primeira vacina da história da humanidade a mexer com o nosso DNA. Ninguém sabe o efeitos a longo prazo; cânceres, esterilidade, aceleração do mal de Alzheimer são alguns dos efeitos colaterais que alguns cientistas já citaram, Essa vacina é um tiro no escuro. Pra mim essa vacina é eugenista e como a idéia é essa mesma os primeiros escolhidos serão os da 3 idade , pra dar uma enxugada na previdência. Em uma palestra para um pequeno público Bill Gates discursa: "sim no início das primeiras vacinações para o covid haverá algumas mortes isso será normal"....Vejam como a elite encara a vacinação. O Brasil virou campo de testes para vacina infelizmente. Quem puder fuja para as montanhas para os campos para as praias para lugares mais isolados do Brasil . A GUERRA COMEÇOU. AS VACINAS COM TODA CERTEZA SERÃO LIGADAS AO CPF , QUEM NÃO TOMAR NÃO VAI CONSEGUIR FAZER MAIS NADA, NEM PASSAPORTE, NEM CONTA EM BANCO , NEM SACAR FGTS , NEM PRESTAR CONCURSOS E MUITAS OUTRAS COISAS . FUJAM ENQUANTO É TEMPO.

Fonte: Lupa, 2020

Nesse exemplo, é observável a afluência de diversas SD's desinformativas parafraseadas numa unidade simbólica, carregada de diversos sentidos que se cruzam dentro da intrincada rede de relações que é criada por esses interlocutores. Todas as informações aí descritas, que se apresentam individualmente em outras materialidades desinformativas cadastradas, são fabricadas, retiradas de contexto, ou sensacionalizadas.

Na imagem que acompanha essa legenda (*figura 14*), há um João Doria caracterizado de Adolf Hitler, em uma imagem manipulada, associando o nazismo como movimento de esquerda – ideia sustentada no imaginário da Direita brasileira – ao mesmo tempo que posiciona o ex-prefeito como autoritário, desumano e assassino, relacionando-o à memória agregada ao ditador alemão.

Dessa maneira, as construções sustentadas pelas peças coletadas se tornam mais delineadas, tendo em vista o já-dito que lhe é implícito, amparado por diversos mecanismos que se manifestam de maneira palpável frente aos gestos de leitura. São indicativos que predisõem um pertencimento, um funcionamento conjunto que se dá no âmbito do discurso e um grande número das materialidades circuladas durante a pandemia. Dessa maneira, a leitura das cadeias de sentido construídas por essas peças, lidas em conjunto, permite conceber como elas dialogam entre si, em sustentação de uma rede de elaborações maior do que o cenário da Covid-19.

4. AS CONSTRUÇÕES DE SENTIDO DURANTE A PANDEMIA: FAKES NEWS CHECADAS

Tendo em vista contribuir com o letramento midiático e a compreensão de como operam e se sustentam as *fake news*, quais saberes agregados são mobilizados por essa indústria que manufatura a produção de versões da realidade, foram reunidas as materialidades postas em perspectiva no presente trabalho.

Estão documentadas aqui 451 peças checadas pela equipe do portal Aos Fatos, 684 checadas pela agência Lupa e 308 checadas pelos veículos que compõem o projeto Comprova, tendo 28 dessas checagens acumulado aparições nos três endereços simultaneamente, ou seja, as peças foram checadas pelas três equipes distintas.

Nesse formato, há, portanto, selos que divergem entre as diferentes metodologias dos três portais, sendo o sistema de categorização de cada um razoavelmente diferente, oscilando entre *tags* mais genéricas, como “falso”, e deslizamentos mais especificados como “distorcido”, “enganoso” ou “exagerado”.

Dessa maneira, se manteve, por fins de registro, o selo do portal onde a peça foi localizada primeiro para o cadastro, sendo posteriormente registrado que a mesma peça também foi encontrada nos portais seguintes.

A coleta foi iniciada pela raspagem das 36 páginas da aba “Nas Redes”, com aplicação do filtro “2020”, no portal Aos Fatos, seguindo para as 41 páginas filtradas como “2021”.

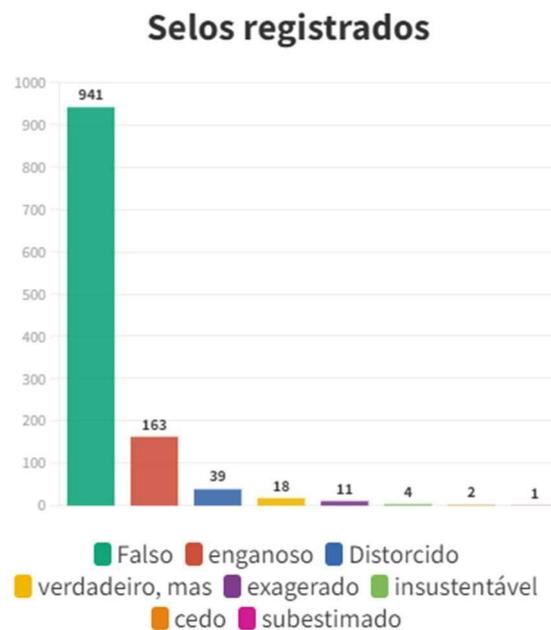
Em seguida, foram coletadas as materialidades documentadas no site da agência Lupa, que à época da coleta continha uma barra de menu lateral com botões para navegação no arquivo do portal, permitindo acessar os conteúdos de checagem separados mensalmente a cada ano. Com isso, foram incluídas as postagens da editoria “Verificamos” e de outra, nomeada “Caiu na rede”, com coleta realizada mês a mês do arquivo.

Por fim, foram visitadas as 37 páginas do site do projeto Comprova, filtradas na *tag* “Pandemia”, resgatando as materialidades checadas dentro do período desejado. Essas checagens fizeram parte da 3ª e 4ª fases do projeto, como assim ele se descreve.

As etiquetas que se aplicam em cada um desses portais são: FALSO, NÃO É BEM ASSIM e VERDADEIRO, no Aos Fatos; FALSO, CONTRADITÓRIO, VERDADEIRO, AINDA É CEDO, EXAGERADO, SUBESTIMADO, INSUSTENTÁVEL, VERDADEIRO, MAS e DE OLHO, na Lupa; e ENGANOSO, FALSO, SÁTIRA e COMPROVADO, no projeto Comprova.

A variabilidade de selos demonstra os deslizamentos de sentidos no serviço de checagem, dentro da metodologia de cada um desses portais: enquanto em um deles uma materialidade checada pode acumular diversos selos, sendo um vídeo ou peça gráfica com várias desinformações de ordens diferentes, em outro portal o jornalista checador pode apenas elencar sua temática principal e etiquetar o todo, em geral pelo selo mais forte. É uma classificação complexa, uma vez que os diversos fragmentos desses textos, depoimentos, artigos ou visualidades podem operar diferentes ordens de desinformação, através de diferentes mecanismos que se amparam em sua mobilização de sentidos. Mesmo assim, a maioria das peças registraram ao menos um selo de falso, como demonstra o comparativo:

Gráfico 2 - Quantitativo de selos registrados nos portais



Fonte: Produção autoral

Além disso, enquanto nos dois primeiros sites essas materialidades chegam à equipe por meio de pedidos de checagem do público, no último, o projeto de verificação segue monitoramentos espontâneos dos veículos que o compõem. Com isso, enquanto naqueles é possível observar diferentes sujeitos, de diferentes nichos de uso das redes sociais, no último, alguns nomes e endereços desinformativos se repetem, estando sob um monitoramento mais sólido da equipe, onde cada verificação é justificada pelos jornalistas, dentro da metodologia de análise.

4.1 Veículos de circulação e blocos enunciativos

Nesse recorte se torna possível observar o desenho do compartilhamento de *fake news* do cenário nacional, a partir das checagens. O *Facebook* foi a rede social mais citada, seguido do *Whatsapp* e do *Twitter*. O *Instagram* e o *Youtube* entram com um número bem menos expressivo de registros, seguidos de endereços próprios (*sites*) e de outras redes sociais em uso no país.

Vale salientar a natureza do banco de registros usado para essa documentação: os pedidos de apuração são do público ou averiguações de falas e debates em cadeia nacional. Enquanto os leitores da agência Lupa tiveram um número expressivo de envios de materialidades circuladas no *Whatsapp* (162), o Comprova foi o que mais registrou *tweets* (118) e publicações do *Instagram* (40). Mesmo assim, nos três portais, o *Facebook* se manteve em primeiro lugar, representando 62% da circulação registrada:

Tabela 1 - Número de peças registradas por veículo

facebook	1101
whatsapp	285
twitter	188
instagram	70
youtube	65
telegram	22
site	18
tiktok	7
TV	7
Kawai	6
Outros	3

Fonte: Produção Autoral

Essa disposição também é reflexo do funcionamento de cada uma das plataformas em sua distribuição de conteúdo. Enquanto em redes como o *Facebook* e o *Twitter*, mesmo que o

algoritmo favoreça o consumo de conteúdos homofílicos, os grupos, *tags* e recomendações aos usuários têm uma maior liberdade de alcance. Os aplicativos de mensagem, como *Whatsapp* e *Telegram*, operam por lógica de criptografia - técnica de segurança de dados que restringe a compreensão das mensagens - tendo esse último inclusive um menor efeito de rede, o que significa que os grupos de usuários ali presentes se tornam muito mais exclusivos, com um acesso mais restrito.

Isso significa dizer que, com uma tendência a grupos de viés desinformativo (INTERNETLAB, 2022), a frequência de sujeitos-usuários no *Telegram* que contestariam os discursos neofacistas expostos ali, ou que tendem a se deslocar para outra FD - sujeitos de segunda ou terceira modalidade (PÊCHEUX, 1995) - é bem menor em relação ao assujeitamento do discurso ali presente. Portanto, é menor o número de usuários que levam as materialidades recebidas até as agências de checagem.

Durante o cadastro, como primeiro gesto de de-superficialização, cada materialidade foi etiquetada, em cinco colunas dispostas, formando 38 blocos referentes aos objetos discursivos ou estratégias discursivas em comum. O objetivo foi agrupar as materialidades análogas entre si, em grupos parafrásticos, fragmentados segundo a necessidade de resgatá-los para análise na planilha. Estas etiquetas foram sendo desenvolvidas junto ao avanço da coleta, frente aos indicativos apresentados por cada materialidade:

Coluna 1: vacina (316 registros); tratamento (204 registros); mortalidade (149 registros); prevenção (252 registros); premeditação (51 registros); eleições (3 registros); transmissão (2 registros); combate (37 registros); CPI (18 registros); testagem (8 registros); colapso (4 registros); e auxílio emergencial (1 registro).

Coluna 2: política (691 registros)

Coluna 3: corrupção (311 registros); eficácia [associado à “vacina”] (45 registros); fármaco sem comprovação [associado majoritariamente à “tratamento”] (171 registros); aplicação [associado à “vacina”] (15 registros); efeitos adversos (136 registros); isolamento [associado à “prevenção”] (165 registros); máscaras [associado à “prevenção”] (63 registros); e método sem comprovação [associado a “prevenção” e “tratamento”] (35 registros).

Coluna 4: quebra de discurso [dizeres deslocados que não formam narrativas em si, mas fecham sentido em deslegitimar narrativas já postas] (674 registros); desinformação médica

(345 registros); e crime virtual (30 registros).

Coluna 5: esquerda (200 registros); produção de vacinas (14 registros); falsa relação de força (266 registros); china (100 registros); ilegalidade de ação (40 registros); discurso de ódio (13 registros); deformação de dados (66 registros); economia (50 registros); globalismo (21 registros); ataque à imprensa (51 registros); falso benefício político (41 registros); passaporte vacinal (9 registros); e variantes (12 registros).

A fragmentação das temáticas, como eleições, política e esquerda em três blocos diferentes, por exemplo, possibilitam uma verificação mais específica do agendamento de enunciados disparados em relação aos temas em voga naquele momento. Enquanto “política” marca qualquer relação partidária estabelecida, “eleições” seguem materialidades que se envolvem especificamente com o processo eleitoral municipal de 2020, enquanto “esquerda” marca qualquer referência a figura de “esquerda” segundo o conservadorismo, quase como sinônimo de quaisquer outras formações políticas.

Dentro desse último, ainda difere-se a etiqueta “China” que converge apenas os enunciados mais específicos sob a construção do que se impõe ao povo, cultura ou agentes da política chinesa.

Dessa forma, é possível não apenas quantificar temas, mas, verificar a disposição de diferentes objetos e estratégias discursivas distribuídas ao longo dos meses da pandemia. Servindo como meio de navegação assertiva entre as diversas materialidades cadastradas para levantamento de qualquer análise posterior, em suas capilaridades possíveis.

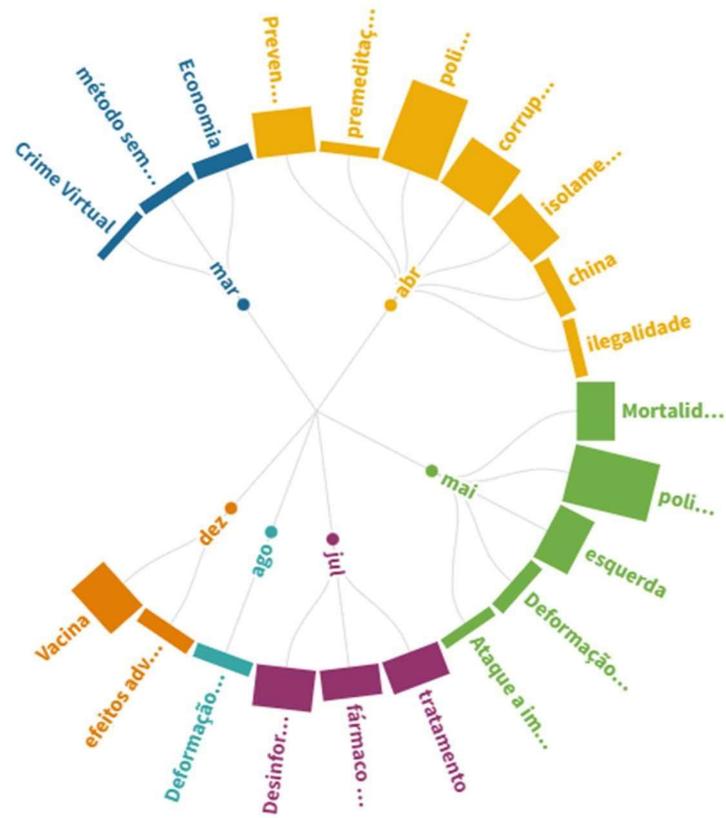
4.1.1 Agendamento às avessas

Quando verificamos esses blocos de enunciados, há momentos específicos de maior reprodução de um determinado grupo parafrástico, em tempo de falas de autoridades sobre aquele tema, ou de um grande número de disparamentos de uma construção semântica específica, sugerindo assim um “agenciamento da materialidade discursiva” (GREGOLIN, 2011, p. 92).

A teoria do agendamento do debate público, associada à cobertura jornalística (CASTRO, 2014), dá lugar ao agenciamento de sentidos propostos pela desinformação. Nesses momentos não são mais as notícias, mas as *fake news*, no disparamento programado dentro da indústria desinformativa, que influenciam o que é discutido pela opinião pública.

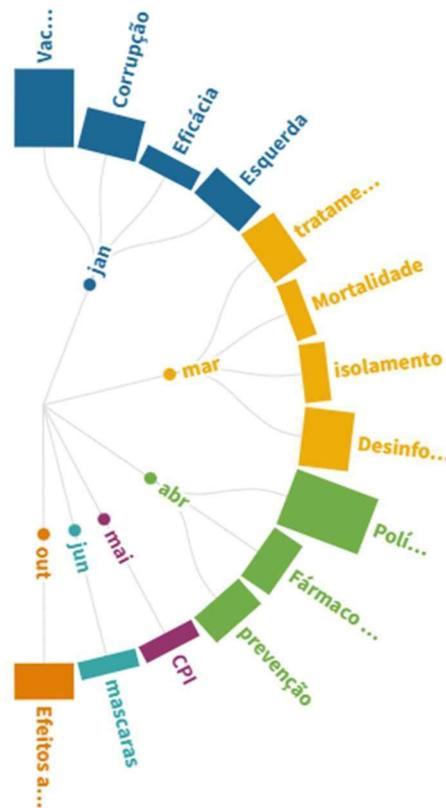
Isso pode ser verificado, por exemplo, quando nos aproximamos das manifestações políticas de 7 de setembro de 2021. De apenas quatro checagens do portal Aos Fatos que se aproximaram dos sentidos da pandemia, nesse mês, duas deslizam ao sustentar construções sobre a China em eventos de apoio ao presidente: “Governo da Bahia não vendeu 10% do território do estado para chineses” (FAUSTINO, 2021, online) e “É falso que chineses bloquearam ponte em Brasília no 7 de setembro” (MENEZES, 2021b, online), implicando diretamente no que os sujeitos entendiam estar acontecendo naquele momento.

Gráfico 3 - Agenciamento discursivo registrado em 2020



Fonte: Produção autoral

Gráfico 4 - Agenciamento discursivo registrado em 2021



Fonte: Produção autoral

Dessa forma, verificando os picos de disparamentos de cada bloco, fica registrada como a indústria da desinformação se reproduz sob estratégias políticas e se relacionam propriamente com as mobilizações convenientes em cada momento.

Os objetos deslizam de sentido, a exemplo do que ocorreu com o ex-ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta, que passou de figura de autoridade à figura de “esquerdista” após divergências com o presidente e posterior saída do ministério.

Assim como as eleições municipais de 2020 agendam objetos discursivos específicos e mobilizam sentidos direcionados ao processo eleitoral, o momento do 7 de setembro deixa de mobilizar sentidos diretamente associados ao vírus e passa a sustentar a imagem da China como inimigo político. Bem como as críticas ferrenhas aos métodos de prevenção dão, gradativamente, maior lugar às críticas à vacina.

As deformações de dados referentes à mortalidade da Covid-19 também perdem espaço à medida que a realidade das mortes no país se torna menos questionável, passando de um disparamento massivo de desinformações acerca do tema, em 2020, para algumas construções

oportunas, lançadas mais esporadicamente em 2021, quando a alegação de maquinação política desliza de sentido, do vírus para a vacinação.

4.2 Cadeias de sentido

Observando de perto as materialidades circuladas, tem-se noção do emaranhamento de sentidos com os quais elas se constituem, e de que modo elas mobilizam sentidos formando uma imagem dos acontecimentos. Essas imagens deslizam entre um maior ou menor comprometimento, em que o sujeito, mesmo não estando totalmente submetido a todos esses dizeres, mantém, na esfera da incerteza, suas proposições mais gerais.

Mesmo sem reproduzir todos os conteúdos, sem assujeitar por completo em qualquer enunciado, a construção estrutural desse discurso permanece virtualmente referenciável na compreensão da pandemia pelo sujeito, constituída na dúvida, na subjetivação desses quadros simbólicos capilarizados em sentidos menores, mais generalistas.

Assim, as materialidades veiculadas oscilam entre o sutil e o extremo. Vão de proposições dúbias a dizeres intensos, de bastante violência simbólica. As Sequências Discursivas aqui postas para leitura são todas retiradas dos registros de checagem, ou seja, todas elas reproduzem dizeres apurados como falsos porque não se sustentam, estão fora de contexto ou são totalmente fabricadas.

Aqui, elas foram dispostas em cadeias discursivas, postas dentro uma mesma cadência de sentidos que, mesmo que funcionem conjuntas e simultaneamente, correlacionadas, se fragmentam nas construções desinformativas, e atingem de maneiras diferentes esse ou aquele público. Essas cadências assujeitam mais ou menos determinados indivíduos, que, dentro de um Lugar Discursivo, reproduzem com maior amplitude uma ou outra construção. São recortes selecionados para exemplificar a série de construções falsas acerca da pandemia, correferidas em numerosas outras materialidades semelhantes, com dizeres diversos que sustentam as mesmas distorções de sentidos.

4.2.1 Negócio da China

O primeiro recorte são de SD 's que mobilizam sentidos sobre a China e o povo chinês, apontados no universo desinformativo como responsáveis pelo espalhamento do vírus. Essa afirmação, no entanto, desliza de sentido: Ora a culpabilização chinesa é sustentada na ideia de um espalhamento criminoso do coronavírus, ora é apontada, xenofobicamente, em discursos de

ódio frente aos hábitos de higiene e cultura alimentar daquele país.

Figura 16 - Materialidade extraída de agência de *fact-checking*



Fonte: Lupa, 2020

SD 5 (figura 16): **O prato mais horrível da China: Sopa de feto** (MARÉS, 2020b, online)

SD 6: Documentos mostram coronavírus sendo testado como arma biológica 5 anos antes da pandemia por chineses (MORAIS, 2021, online)

SD 7: Olha aí o *Nano-Chip* que virá misturado na vacina da China (...) eles te controlarão e com o 5G poderão te criar doenças, diminuir sua imunidade e saber sua localização e muito mais (PACHECO, 2020e, online)

SD 8: EUA descobre o homem que fabricou e vendeu o vírus Covid-19 à China (MENEZES, 2020l, online)

SD 9: A INVASÃO SILENCIOSA DO IMPÉRIO CHINÊS QUE NINGUÉM ESTÁ PERCEBENDO. Enquanto o povo se preocupa só com o Covid-19 vindo na Globo esquecem da China já comprou através do Doria (PACHECO, 2020c, online)

Essas sequências são recortes de diferentes materialidades. Enquanto a SD 5 exemplifica as diversas construções xenofóbicas voltadas à cultura chinesa, mobilizando sentidos de nojo, falta de higiene ou hábitos reprováveis - sendo a referência a fetos um gatilho intenso de estranhamento para o Lugar Discursivo do conservadorismo cristão, tendo em vista as discussões quanto ao aborto - esse gênero de desinformação produz efeito de sentido de responsabilização pelo surgimento do vírus devido a “hábitos incivilizados” do povo chinês.

A foto que ilustra a simulação de notícia (figura 16) é, na verdade, de uma exposição de arte contemporânea que chocou inclusive o público chinês quando lá exposta, não se tratando de nenhuma prática referente à compra de fetos pelo mercado negro, como sustenta o texto. Mesmo assim, mobilizando os sentidos de credibilidade jornalística, com um enunciado posto em formato de notícia, em um design de portal informativo, sustenta a ideia de uma apuração que, no mínimo, não ocorreu.

Já as SD 's 6, 7 e 8 sustentam dizeres criminalizados à China como premeditação da criação da pandemia. Elas deslizam de sentido, mas sustentam dizeres numa mesma direção: a de que a China manufacturou a pandemia em estratégias de domínio mundial. Desde o espalhamento proposital do vírus como arma biológica, até as construções acerca da vacina, sustentadas, como ilustrado nas declarações de Steve Bannon (TEITELBAUM, 2020) ainda em 2018, na ideia de um espalhamento de *chips* para controle biológico ou interferências no DNA da população.

Por fim, a SD 9 carrega, com o uso de letras maiúsculas, evocando mecanismos sensacionalistas e mobilizando sentidos de conspiração e ataques à imprensa, um pressuposto de “invasão”. Aqui, os dizeres desinformativos direcionam o suposto plano de dominação da China diretamente para o território brasileiro e seus agentes políticos, transferindo toda a memória discursiva sustentada sobre a China e sobre a geopolítica mundial para o cenário eleitoral do país. Essa SD comunga de paráfrases semelhantes às citadas sobre o 7 de setembro de 2021, que sustentavam a venda de território brasileiro para a China e a interferência de chineses nos atos pró-Bolsonaro.

4.2.2 Sequelas no combate à Covid

Outra ramificação das construções desinformativas são os apontamentos acerca dos métodos preventivos e das ações de combate ao vírus, incluindo o processo de imunização, que punham em dúvida a eficácia e segurança das medidas recomendadas, enquanto mobilizam outras, como métodos holísticos ou fitoterápicos sem comprovação, até remédios deslocados de

sua função, como os casos de “kit Covid” (Azitromicina, Cloroquina, Ivermectina e suplementos vitamínicos), dados para tratamento ou para profilaxia referente ao vírus, sustentando o que foi chamado de “tratamento precoce”, que em nenhum momento chegou a ser comprovado.

Aqui, se vê uma série de deslocamentos de estudos reais, descontextualizados, ou o surgimento de estudos sem metodologia científica, questionados pelos pares, sendo postos como verídicos. Se sustentam, em parte, no analfabetismo científico de grande parte da população, e em outra, numa visão anedótica e parcial da construção do saber científico.

SD 10: Isso é uma vacina que altera o código genético. Vocês vão comprometer a vida dos seus filhos e netos (...) e pode causar homossexualismo (MENEZES, 2020c, online)

SD 11: De coronavírus a gente não morre. Esse vírus não é letal e não era necessário todo esse alarde (...) (MENEZES, 2020h, online) [fala do patologista Beny Schmidt que aparece em vídeo de Edir Macedo]

SD 12: Até que enfim... descoberta cura para coronavírus! Bolsonaro fica mais forte e esquerda perdeu... (DESCOBERTA..., 2020, online) [vídeo descontextualizando pesquisas em Israel no Youtube]

SD 13: Eu aponto para o centro de sua testa com minha arma em forma de termômetro, puxo o gatilho, espero pelo bipe e registro a temperatura. Sempre peço desculpas à pessoa antes de prosseguir! (...) Como profissional da área médica, recuso-me a visar diretamente a glândula pineal, que está localizada diretamente no centro da testa, com um raio infravermelho (GONOLI, 2020, online)

De maneiras distintas, esses dizeres afetaram a relação dos sujeitos com a segurança sanitária requisitada pela pandemia. Sustentando dizeres sobre a vacina, a SD 10 se desenha como um discurso de ódio à comunidade LGBTQIAP +, empregando o termo “homossexualismo”, com sufixo de patologia, apontado como doença ou dano negativo supostamente causado pela imunização. Nessa mesma direção, outros dizeres durante a pandemia também sustentaram que a vacina poderia causar “pensamentos suicidas”.

As SD 's 11 e 12 demonstram alguns deslizamentos nessa cadeia simbólica. Reproduzindo a fala também desinformativa de um patologista, Edir Macedo, líder religioso,

sustenta que a Covid-19 não merece mobilização, e que o pânico pela pandemia é uma maquiagem midiática. A SD seguinte torce os sentidos referentes à uma pesquisa real, realizada em Israel, direcionando um falso benefício político a Bolsonaro, dentro do discurso tradicional-conservador que constrói sentidos acerca do estado de Israel, e rechaçando uma imagem fabricada de “esquerda”, que engloba todo e qualquer agente envolvido com o combate à pandemia.

Já a SD 13 destaca mecanismos específicos. Aqui está reproduzido um recorte de um falso relato de experiência, bem mais longo, que alega autoria de uma enfermeira australiana. O texto circulou em diversas redes sociais, em versões semelhantes, com ou sem o suporte de imagem, em aplicativos de mensagem:

Figura 17 - Materialidade extraída de agência de fact-checking



Fonte: Portal Aos Fatos, 2020.

Esse enunciado sustenta que a aferição de temperatura por meio de equipamento leitor infravermelho, de alguma maneira, causa danos à "glândula pineal". Sobre isso, o comentário do especialista, consultado pelo Portal Aos Fatos para verificação da informação, elucida o quanto essa proposição é deslocada da realidade:

‘em relação ao termômetro atingir a glândula pineal, isso não tem respaldo científico, não tem sentido nenhum. E muito menos aferir temperatura no cotovelo ou no pulso, que não são locais onde se afere temperatura no corpo humano’, explicou Bauab (BARBOSA, 2020, online).

Em outras palavras, o relato é totalmente falso. A materialidade cria uma falsa relação de força, como se reproduzisse a fala de uma profissional de saúde, que posiciona o enunciado como sincera preocupação, em informações dadas como se fossem vivência prática.

Os fatos relacionados à fisiologia humana expostos no texto, portanto, ganham um pressuposto de autoridade, carregado pelo hipotético cargo da personagem, evocando ainda uma interpelação de atitude, de revolta popular contra uma situação posta intransigentemente.

A comparação do equipamento com uma arma é outro recurso enunciativo. O locutor apresenta a ação de prevenção como um ato violento, em uma relação de “nós contra eles”, onde um inimigo desumano que legitima uma imagem de violência, mais uma vez associando a evocação de “perigo” junto ao signo de “crianças pequenas”.

Tudo isso funciona como gatilhos de sensibilidade. São mecanismos que provocam identificação e atitude do sujeito, sustentando, nessa cadeia de sentidos, mais uma justificativa para a indignação e desconfiança.

Em contrapartida, o lugar do “nós” é recheado de outros dizeres, que legitimam as proposições antagônicas contra aquela imagem de “esquerda”, mobilizando falsos sentidos de autoridade:

Figura 18 - Materialidade extraída de agência de *fact-checking*



Fonte: Agência Lupa, 2021.

SD 14 (*figura 18*): “**Estudo prova que Ivermectina poderia ter salvo mais 250 mil vidas**” (NOMURA, 2021, online)

A peça acima mobiliza uma cromatografia muito particular. Ela redireciona o termo “Genocidas!”, comumente direcionado ao presidente Jair Bolsonaro como crítica à atuação do governo federal na pandemia, ao flexionar a cor vermelha como recurso de destaque, alterando a posição-sujeito. Assim, desloca-se o termo para os agentes de enfrentamento da pandemia, que nessa leitura se tornam os “genocidas”, uma vez que a Ivermectina supostamente poderia ter salvo vidas na pandemia (fármaco para tratamento de vermes, sem comprovação de atuação contra a Covid-19).

Já o dizer sobre o remédio é destacado com recursos gráficos em cores da bandeira brasileira, mobilizando principalmente o azul, conjugado aqui em uma tonalidade clara e leve. A peça perde o sentido de acusação do vermelho, mobilizando um estado de leveza, mesmo que a

informação verbal siga na direção acusatória que se destaca no primeiro objeto. Uma construção totalmente diferente da referida em outras peças, que mobilizam sentidos para a força antagônica (dita “esquerda”) de maneira violenta.

Todas essas mobilizações de sentidos geram efeitos reativos nos sujeitos, de modo que há uma pulverização de produções de sentido. Nas redes sociais, há interlocuções que partem dos mais diversos sujeitos-autores, e viralizam, segundo o disparamento, orgânico ou não, dentro das comunidades homofílicas.

Na checagem “Não é verdade que máscaras contaminadas serão distribuídas para a população de São Paulo” (NÃO..., 2020, online), o autor da publicação do vídeo que sustentava esses dizeres foi um pastor, procurado pela equipe no momento da checagem:

Procurado pelo Comprova, o pastor se pronunciou por meio de sua assessoria de imprensa e disse que teria se ‘confundido’ e produzido o vídeo inicial por estar ‘assustado’ e ‘alarmado’ com a informação que recebeu por meio de áudios e vídeos em um grupo no *Whatsapp* (NÃO..., 2020, online).

Dessa forma, os sujeitos mobilizados agem dentro de um assujeitamento total, a partir de uma “engenharia emotiva-sensorial” (SILVA et al., 2021, online). Reagem a um chamado e produzem novas peças, compartilhadas indiscriminadamente como experiências legítimas.

4.2.3 Influência política

Todos esses sentidos se congruem quando transferidos para agentes políticos próprios nessa relação de saberes. Sustentando, em outras construções de sentido, uma série de materialidades desinformativas contra as instituições do país, esse universo simbólico se mescla entre dizeres referentes à pandemia e culminam em peças carregadas de significados implícitos que se instrumentalizam na discussão política.

Figura 19 - Materialidade extraída de agência de *fact-checking*



Fonte: Agência Lupa, 2020.

SD 15: **“Doria assinou um contrato de desenvolvimento da vacina para Covid, com a Sinovac, da China, e o Instituto Butantã (...) O contrato foi assinado em agosto de 2019. Eu não entendi. Agosto do ano passado?”** (MENEZES, 2020d, online) [Roberto Jefferson, ex-deputado federal, no Twitter]

SD 16: **“Como se não bastasse ignorar recomendações de virologistas impedindo o uso da cloroquina no início dos sintomas do coronavírus, Mandetta fez, na surdina, um contrato milionário com a *China MediaGroup* sem o aval do Presidente!”** (MENEZES, 2020a, online)

SD 17: **“Deputado abriu a boca, o que o povo já desconfiava... ELE CONFIRMOU 19 MIL por óbito. COMUNISTAS ESTÃO FATURANDO ALTO”** (MENEZES, 2020k, online)

Esses sentidos unem toda a cadeia de significados e misturam a política brasileira dentro do universo conspiratório gerido por esses dizeres. Mandetta, ex-ministro da saúde, antes de antagonizar com o presidente, chegou a ser usado como figura de autoridade em outras materialidades, meses antes dessa (SD 16) onde é associado a negociações com um grupo chinês.

Da mesma maneira, associando João Doria, governador de São Paulo, a premeditações quanto à vacina e ao espalhamento do vírus (SD 15), essas construções posicionam ainda sentidos de corrupção acerca dos dados referentes à mortalidade da Covid-19 nos estados e municípios (SD 17), em uma fala equivocada do deputado estadual de Mato Grosso, Sílvio Fávero (PSL), sustentando que os municípios receberiam valor a cada morte pelo vírus e chamando esses políticos de “comunistas”, mobilizando todo o arcabouço de sentidos acerca dessa imagem discursiva.

Na figura 19, o ex-presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, aparece em uma montagem, amparado pelo presidente chinês. A imagem pressupõe assim não apenas uma coligação política, mas uma aproximação pessoal entre esses dois agentes, que não existe.

Dessa forma se ilustra o que foi apontado como indicativos das peças desinformativas, assim como se verifica seu desenho discursivo envolvido de mobilizações políticas próprias do discurso conservador em seus dizeres e simbologias.

De diferentes maneiras, com maior ou menor comprometimento, as cadeias de sentido sustentam construções acerca de um cenário conspiratório mundial, desacreditando as instituições e instrumentalizando falas anticomunistas dentro do cenário político brasileiro,

apontando inimigos imaginários cheios de interrelações fabricadas entre si, amplamente baseadas em apontamentos tomados em cima de torções discursivas severas.

No contexto da pandemia, no entanto, há consequências maiores do que a representação política. Há o dano ao combate do vírus, o enfraquecimento da mobilização da população em prol do combate à pandemia e, em seguida, o perigo individual no trato de cada cidadão com a emergência sanitária, acarretando, sem nenhum tipo de registro quantificável, uma série de prejuízos de maior ou menor gravidade na saúde dos sujeitos e de seus círculos interpessoais.

4.3 Efeitos colaterais

As construções de sentido desinformativas acerca da pandemia não resultam apenas em ideias equivocadas. Na prática, todos os efeitos de sentido mobilizados, todos esses cenários fabricados, convertem-se numa série de ações tomadas pelos sujeitos e sustentam cadeias de sentido anteriores, em todas as suas implicações políticas e sociais.

Além de consequências diversas no cenário psicológico dos sujeitos, o que se teve em relação à pandemia foi um impacto extenso no mercado farmacológico e no embate discursivo de sentidos políticos no Brasil, que existe para além do vírus.

As cadeias de sentido formadas por todo o material desinformativo passam a operar diretamente na forma como os sujeitos enxergam a realidade, afetando suas ações cotidianas, reproduzindo desconfiança política, discursos de ódio e outras diversas construções antidemocráticas e intolerantes que se amparam nos extremismos da ideologia conservadora.

Desse recorte, deduz-se como opera esse universo simbólico em outras construções de dizeres. São esses grupos, relacionados com uma série de perpetrções históricas, filosóficas, políticas e ideológicas, que atuam na continuidade de sentidos preconceituosos, retrógrados quanto à garantia de direitos adquiridos e fundamentalistas em sua constituição.

Tendo em vista a relação de sentidos aqui posta, ataques à atuação da imprensa, aos direitos humanos e às instituições democráticas também são suscitados, gerando uma violência simbólica considerável que se legitima no cotidiano.

Essa perspectiva denota o funcionamento desse sistema para as demais construções desinformativas, refletindo o quão nocivo se torna esse processo na cadeia de eventos da história contemporânea, em suas mais diversas tensões sociais.

Os sentidos perscrutados se perdem do nexos original, esvaziam-se de justificativa, e passam a ser parafraseados pela reprodutibilidade em si mesma, repleta de sentidos de medo e reatividade, hipersensibilizados por diversos dizeres em todas as direções do discurso. São

processos identitários, cuja aplicação ao momento pandêmico é apenas um dos episódios de materialização desses discursos.

4.3.1 ‘Pandemia do medo’

No cenário mais extremado do sujeito-tradicional/conservador, retirado de todo sentido factual ou relação causal, ficam as mobilizações dos sentidos de perigo e medo, não do vírus, mas dos agentes que estariam por trás da “farsa da pandemia”, da “maquinação de sentidos” e da “derrocada da modernidade”, própria da direção em que a imagem do *Kali Yuga* desliza de sentido, sustentada na ignorância histórica e religiosa em que se assujeitam essas sentenças.

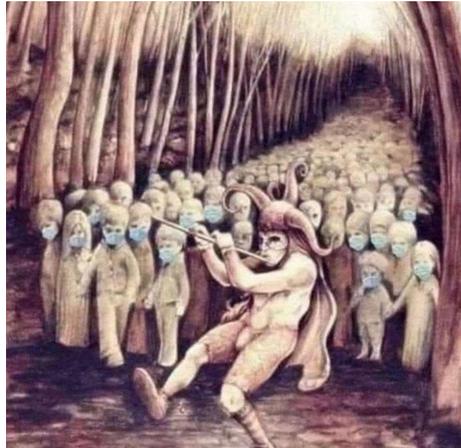
Entre as materialidades coletadas, isso pode ser ilustrado em falseios como um suposto recorte do livro “Cartas de um Diabo a seu Aprendiz” (*SD 18*), do escritor irlandês C. S. Lewis (1898-1963):

- E como você conseguiu levar tantas almas para o inferno naquela época?
- Por causa do medo.
 - Ah sim. Excelente estratégia; velho e sempre atual. Mas do que eles estavam com medo? Medo de ser torturado? Com medo da guerra? Fome?
 - Não. Medo de ficar doente.
 - Mas então, ninguém mais ficou doente naquele momento?
 - Sim, eles ficaram doentes.
 - Mais ninguém morreu?
 - Sim, eles morreram.
 - Mas não havia cura para a doença?
 - Teve.
 - Então eu não entendo. (MORAES, 2020c, online)

O trecho, desconexo e sem coesão, se apresenta como fragmento da obra do autor irlandês, que sustenta um denso simbolismo católico em suas obras. O livro original propõe discorrer sobre as estratégias do mal para perder as almas, num formato de cartas entre um diabo e um aprendiz, como bem apresenta o título. Sustentando-se na memória da obra e do autor, o enunciado desinformativo então discorre o texto acima, titulando-o “COVID-19 ‘A PANDEMIA DO MEDO’” (MORAES, 2020c, online).

O texto é uma legenda, publicada no Facebook, ao lado de uma gravura aparentemente antiga, onde um flautista leva uma multidão de crianças por uma floresta. Digitalmente manipulada, todas essas crianças da ilustração usam máscara. Mais uma vez, usando imagetivamente o signo “crianças”, essa peça carrega os sentidos no qual se envolve C.S.Lewis e sua obra, em um Lugar Discursivo específico entre os sujeitos-cristãos. Põe a urgência da pandemia como esvaziada de motivo, feita para causar o medo, como uma estratégia do “mal” para sobrepujar a humanidade.

Figura 20 - Materialidade extraída de agência de *fact-checking*



Fonte: Agência Lupa, 2020

Mesmo que se desassocie do seu sentido religioso, a peça ainda sustenta a mobilização do sentido de medo pelos agentes implícitos, causadores desse receio supostamente sem motivo, envolvido por uma atmosfera de mistério e premunição do momento histórico atual, em que uma “pandemia do medo” seria posta no coração do povo. O trecho não existe no livro, nem está em formato de carta, mas acumulava mais de 1,2 mil reações e 997 compartilhamentos no momento da checagem.

Dessa maneira, perde-se o sentido da pandemia em si, dos agentes sanitários e das implicações políticas. Constrói-se uma tensão atmosférica de estranhamento ao se ler o diálogo, posto que seriam virtualmente dois demônios conversando.

Em outro caso, o vídeo “*Plandemic*” condensa 25 minutos repletos de alegações equivocadas sobre a pandemia, em uma entrevista com Judy Mikovits, pesquisadora controversa que reproduz informações falsas e faz acusações sem provas de uma suposta conspiração. Na checagem do projeto Comprova, registra-se que umas das versões do vídeo circulou com mais de 901 mil visualizações em menos de 20 dias de publicação (VÍDEO..., 2020).

Isso se correlaciona com SD’s mais desencontradas da realidade, comprometidas com supostas declarações que fecham sentido apenas com um cenário mais agudizado de construções acerca da geopolítica mundial:

SD 19: Bill Gates iniciará o ‘despovoamento por meio da vacinação forçada’ porque será a ‘solução mais ecológica’ (MENEZES, 2021a, online)

SD 20: O problema do Brasil é que ele está cheio de brasileiros. Quem nem mesmo merece viver nesta terra. A ideia é exterminar pelo menos dois terços com doenças, miséria, fome, assaltos, conflitos sociais, raciais, sexuais, religiosos e ideológicos. O que sobrar desse povo medíocre será entregue como escravo junto com seu país para mim, para os russos e para os chineses (RÔMANY, 2021, online)

[Texto atribuído ao bilionário húngaro George Soros no Facebook]

A conspiração acerca da imunização ganha outros agentes, análoga à conspiração chinesa, mas deslocada para o pressuposto do Globalismo, suposta conspiração de grandes banqueiros ocidentais, como sustentado pelo Tradicionalismo Olavista. Essa construção desumaniza o agente central, nesses casos Bill Gates e George Soros, propondo uma construção antiecológica e de dominação global que dialoga com os dizeres perpetrados pelo conservadorismo sobre as convenções internacionais e uma Nova Ordem Mundial.

4.3.2 Reações adversas

Em outro caminho de análise, as consequências das cadeias de sentido acerca da pandemia atingem de maneira pragmática a população e acarreta situações e enfermidades outras, para além da Covid-19.

Apesar dos resultados de pesquisas desenvolvidas durante a pandemia confirmarem que a Ivermectina não foi eficaz contra a Covid-19, como publicação na revista "*Jama Internal Medicine*" (PINHEIRO, 2022) e no "*New England Journal of Medicine*" (SERRANO, 2022), estudos realizados com critérios definidos, em pacientes internos sob observação constante – ao contrário das publicações pseudocientíficas apontadas a favor do uso do medicamento – as recomendações de especialistas contra a automedicação não evitou que o uso descontrolado do fármaco contra a Covid-19 compromettesse o fígado de pacientes ao redor do país (BARBOSA, 2021).

A Organização Pan-Americana da Saúde (Opas), chegou a divulgar um alerta, em suas redes sociais, contra o uso indiscriminado de medicamentos como cloroquina, ivermectina e azitromicina para tratar sintomas de Covid-19, afirmando que esse uso deve levar a um aumento de doenças resistentes a esses medicamentos, que agem contra parasitas e bactérias, mas não funcionam contra um vírus. A entidade afirmou que o aumento de infecções resistentes já vinha sendo registrado, e que essa conjuntura traria riscos a longo prazo.

“Antimicrobianos também têm sido mal utilizados fora dos ambientes hospitalares. Drogas como ivermectina, azitromicina e cloroquina foram amplamente utilizadas como tratamentos não comprovados, mesmo depois de fortes evidências de que não traziam benefícios” (OPAS, 2021, online).

O Conselho Nacional de Saúde já havia se manifestado contra o uso indiscriminado de medicamentos em maio de 2020, indo de encontro às orientações emitidas pelo próprio Ministério da Saúde (MS), em que o órgão autorizava o uso de Cloroquina e ampliava sua aplicação (DOS ANJOS, 2020) e, em 2021, a Associação Médica Brasileira se manifestou, dizendo que o uso de cloroquina e outros remédios sem eficácia contra Covid-19 deveria ser banido (AMB, 2021).

Além de danos à saúde, o uso continuado desses medicamentos, deslocados de seu uso real, acarretou também um desabastecimento. Em agosto de 2022, foi registrada a falta de Cloroquina para tratamento de comunidades indígenas com malária na Amazônia, mesmo com o fornecimento do medicamento sendo apontado como regular pela pasta no MS. O desabastecimento, à época em que foi mencionado pela imprensa, já vinha sendo sentido havia dois meses (SASSINE, 2022).

4.3.3 Agentes identificados

O uso continuado de medicamentos, assim como todas as construções de sentido acerca da pandemia, foi ostensivamente disseminados por diversas páginas e usuários. Esse nomes e endereços se repetem no cadastramento das materialidades, acumulando 148 títulos de páginas e perfis que sustentam dizeres de pertencimento à FD Tradicional Conservadora, associada a extrema direita: Verdade Fora Da Mídia / Vem Pra Direita Floripa / Estibordo Internacional / Zap Bolsonaro / Pátria Amada Pe / Seja Antivaxxx / Brasil Sem Medo / Mídia Sem Máscara / Brasil Paralelo / Base Conservadora / Livro Das Revelações / Alertando A Cidade / e Mobilização Já.

Esses títulos elaboram dizeres de antagonismo com a mídia tradicional, de estudo “em busca da verdade”, resgatando a ideia de “escolas de sentido”, apontando identificação à direita, ao conservadorismo e a grupos de apoio à presidência da república, alguns também com apelos religiosos.

Dentre os nomes destacáveis de compartilhadores registrados entre as checagens estiveram, inclusive, a SECOM (Secretaria Especial De Comunicação Social Da Presidência Da República) e o site do MS, que também repercutiram, em momentos específicos, dizeres desinformados sobre o vírus.

Entre esses sujeitos-autores/reprodutores de dizeres desinformativos, acumularam-se indivíduos da área médica e diversos nomes políticos, com filiações que também sustentam o mesmo direcionamento de ideias. Foram 92 profissionais médicos, de diferentes especialidades, que surgiram reproduzindo enunciados falsos sobre o vírus e a pandemia, entre eles algumas filiais do grupo internacional “Médicos pela Vida”, que formaram redes de tradução e compartilhamento de *fake news* em diversos idiomas entre médicos de diversas nacionalidades.

Outras 113 materialidades registraram compartilhamento entre sujeitos de coligações partidárias, ou agentes envolvidos com os dizeres políticos no Brasil, como por exemplo: Bia Kicis (PSL-DF) (12 registros) / Osmar Terra (MDB-RS) (11 registros) / família Bolsonaro (Flávio, Carlos, Eduardo ou Jair) (37 registros) / Carla Zambelli (PL-SP) (2 registros) / Marco Feliciano (Republicanos-SP) (2 registros) / Onyx Lorenzoni (DEM) (1 registro) / o blogueiro Allan dos Santos (2 registros) / Arthur Weintraub (1 registro) / e publicação na página de Luciano Hang (1 registro).

Hoje, a continuidade de figuras como essas na política, eleitas sob a sustentação desse mesmo sistema de crenças, assim como a permanência de manifestação neofacistas, de cunho nacionalista e reivindicação antidemocrática, ao redor do país após o segundo turno das eleições de 2022, exprimem o caráter de continuidade em que se colocam esses processos discursivos no imaginário político do Brasil.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno da desinformação, dentro de um processo de infodemia, é complexo e abarca diversas circulações de sentido. Em um contexto de medo, dilatado pelas implicações políticas dadas à questão, a guerra discursiva que se tornou o episódio da pandemia de coronavírus no Brasil vitimou milhares de cidadãos. Mais de 680 mil vidas, histórias abreviadas num contexto já trágico por natureza, e ainda mais agudo frente às incertezas deslealmente suscitadas.

Uma vez materializados os enunciados desinformativos, em uma intrínseca rede de relações de sentido, reflete-se sobre como esses dizeres se subsidiam hegemonicamente no discurso conservador e em seus sujeitos-autores, de maneiras que sofrerão processos de remanescência e apagamento na memória social (GREGOLIN, 2011).

As opiniões equivocadas confluem no alcance da evocação do medo. Sujeitos de diferentes Formações Discursivas, que se identificam em lugares conservadores (como no fundamentalismo cristão e no militarismo de direita, deslizando para dizeres neoliberais na linha anticomunista), assim como sujeitos progressistas que se identificam em lugares holísticos de discurso (tratamentos alternativos e movimentos *New Age* (ALLVES, 2021)), acabam por reproduzir esse mesmo cenário, a imagem fabricada de uma conspiração maior – que desliza de sentido em quais seriam seus agentes e quais os seus motivos, a depender de em qual local se fala.

São diferentes Lugares Discursivos que convergem à reprodução de uma Formação Ideológica pautada na negação da ciência e na desconfiança, resultando na perda de milhares de brasileiros.

Mobilizações de sentidos postas e reproduzidas, quando não baseadas no obscurantismo, baseadas em ganhos políticos, irrisórios frente aos diversos desdobramentos que a pandemia tomou na vida da população.

Se faz necessário explorar as contradições postas dentro dessas configurações discursivas, para fazer com que esses gestos de mobilização de forças e projetos de poder se tornem visíveis aos sujeitos. Expor de que maneira tais reproduções entram em engodos profundos, como no esquema tradicionalista, materializado pela direita ocidental no “marxismo cultural”, produzindo deformações severas da realidade – como enunciados que sustentam dizeres “cristãos” em figuras profundamente ocultistas e/ou deslealmente politizadas.

Observar e registrar como o fenômeno da desinformação interferiu de maneira direta e agressiva na construção de sentidos sobre a pandemia de Covid-19 no Brasil, viabiliza pôr em

xeque a instrumentalização desse fenômeno numa de suas roupagens mais severas, e elucidar um movimento discursivo que não se fecha à pandemia, mas, segue constante e se materializa em cada novo acontecimento público, de maneira a se perpetuar ideologicamente.

As materialidades de desinformação na pandemia sustentam, como visto, uma cadeia ideológica contínua, e se posicionam como permanência de representações que dialogam com a extrema direita mundial e com o neofascismo brasileiro.

Apenas um gesto de interpretação rapidamente vincula tais sujeitos e enunciados ao autoritarismo histórico e aos discursos totalitários, que tem base em torções discursivas cujo efeito desconfigura o entendimento do sujeito e o desloca dos acontecimentos. Não sem razão, a genealogia discursiva desses dizeres respalda, em diferentes deslizamentos, uma série de lugares discursivos preconceituosos, violentos e antidemocráticos em diferentes Formações Discursivas, que se diluem em enunciados menores, pulverizados no senso comum dos sujeitos-cidadãos que participam dessas essas narrativas.

Essas materialidades não funcionam senão em mecanismos identificáveis, que se expõem a partir do momento em que os gestos de leitura se tornam atentos às condições em que se inserem esses enunciados. Nem mesmo as proposições mais desligadas de direcionamento político em sua superfície se perdem desse jogo de discursos, que leva os sujeitos a abraçar o autoritarismo como uma “benção” e a negligência da própria saúde como uma escolha prudente.

Frente a distorções intensas dos acontecimentos, é preciso refletir sobre esse formato tão violento de cerceamento do direito à informação, expondo seus autores como responsáveis pelo espalhamento de mentiras, na medida em que tais análises possam intervir nesse embate de sentidos.

Tendo em vista o objeto do discurso, é necessário provocar, nesse jogo de sentidos, construções que insiram os sujeitos-cidadãos em cenários mais amplos, jogando luz às contradições que ferem as estruturas dos afetos que envolvem as narrativas desinformativas, permitindo novos respiros discursivos aparados na ciência, e na criticidade perante a informação, fomentando maior maturidade informacional.

Em síntese, entender o funcionamento do fenômeno das “*fake news*”, dos dizeres e agentes que se amparam nelas, e como esses enunciados significam e atingem os sujeitos a eles expostos, torna possível gerir uma rede de saberes que possibilite a desidentificação dos sujeitos frente a iniciativas antidemocráticas e nocivas ao bem-estar comum, apresentadas como projetos legítimos e sustentados, falaciosamente, em paráfrases que dialogam com diferentes vertentes autoritárias.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, N. **É falso que órgãos de saúde recomendaram que homens tirem a barba em função da Covid-19.** Lupa, 2020a. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/03/25/verificamos-homens-barba-coronavirus/>>. Acesso em: 28 jul. 2022.
- _____. **É falso que STF afastou Bolsonaro do controle de ações estratégicas contra pandemia de Covid-19.** Lupa, 2020b. Disponível em <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/07/01/verificamos-stf-bolsonaro-Covid/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- _____. **É falso que vacina chinesa matou mais de 2 mil voluntários.** Lupa, 2020c. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/10/21/verificamos-vacina-chinesa-matou/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. Social media and fake news in the 2016 election. **Journal of Economic Perspectives**, v. 31, n. 2, p. 211-236, 2017.
- ALLVES, F. **A grande mídia, “verificadores de fatos” e outros, mentiram sobre vacinas Covid “seguras e eficazes”, riscos superam benefícios.** Disponível em: <<https://www.coletividade-evolutiva.com.br/2021/10/grande-midia-verificadores-de-fatos-mentiram-sobre-vacinas-covid-seguras-eficazes-beneficios-superam-riscos.html>>. Acesso em: 1 dez. 2022.
- ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA. **Associação Médica Brasileira diz que uso de cloroquina e outros remédios sem eficácia contra Covid-19 deve ser banido.** Disponível em: <<https://amb.org.br/noticias/associacao-medica-brasileira-diz-que-uso-de-cloroquina-e-outros-remedios-sem-eficacia-contra-Covid-19-deve-ser-banido/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- BARBOSA, B. **Termômetro infravermelho não causa danos à glândula pineal.** Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/termometro-infravermelho-nao-causa-danos-glandula-pineal/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- BARBOSA, C. **Uso de Ivermectina contra Covid está comprometendo fígado de pacientes, dizem médicos.** Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/02/14/uso-de-ivermectina-contra-Covid-esta-comprometendo-figado-de-pacientes-dizem-medicos/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- BASTOS DOS SANTOS, J. G. et al. **WhatsApp, política mobile e desinformação: a hidra nas eleições presidenciais de 2018.** *Comunicação & Sociedade*, v. 41, n. 2, p. 307, 2019.
- BENKLER, Y.; FARIS, R.; ROBERTS, H. **Network Propaganda: Manipulation, disinformation, and radicalization in American politics.** Nova York: Oxford University Press, 2018.
- BONSANTO, A. Narrativas “historiográfico-midiáticas” na era da pós-verdade: Brasil Paralelo e o revisionismo histórico para além das fake news. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. e5631, 2021. Disponível em: <<https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5631>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

BRAZIL: Steve Bannon to advise bolsonaro presidential campaign. Disponível em: <<https://www.telesurenglish.net/news/Brazil-Steve-Bannon-to-Advise-Bolsonaro-Presidential-Campaign-20180815-0003.html>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

CARVALHO, O. **Debate com Duguin – I.** Disponível em: <<https://olavodecarvalho.org/debate-com-duguin-i/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

CASOS de coronavírus no Brasil em 31 de março. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/31/casos-de-coronavirus-no-brasil-em-31-de-marco.ghtml>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

CASTRO, D. Agenda-setting: hipótese ou teoria? Análise da trajetória do modelo de Agendamento ancorada nos conceitos de Imre Lakatos. Intertexto: UFRGS, Porto Alegre, n. 31, p. 197-214, 2014.

CAZARRÉ, M. **Países fecham fronteiras para evitar propagação do coronavírus.** Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-03/paises-fecham-fronteiras-para-evitar-propagacao-do-coronavirus>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

COSTA, C. et al. (EDS.). **Liberdade de expressão: questões da atualidade.** [s.l.] Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes, 2019.

CUNHA, A. R. **Não é verdade que CoronaVac cause câncer ou “pensamentos suicidas”.** Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/nao-e-verdade-que-coronavac-cause-cancer-ou-pensamentos-suicidas/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

DA SILVA, W. T.; SUGAMOSTO, A.; ARAUJO, U. I. O Marxismo Cultural no Brasil: origens e desdobramentos de uma teória conservadora. **Cult. relig.**, Iquique, v. 15, n. 1, p. 180-222, jun. 2021.

DELA SILVA, S. Checar fatos e desmentir boatos: fake news e discurso jornalístico no Brasil. **Fórum Linguístico**, v. 18, n. 2, p. 5949–5961, 2021.

DELMAZO, C.; VALENTE, J. C. L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media & Jornalismo**, Lisboa, v. 18, n. 32, p. 155-169, 2018.

DEROSA, C. **TSE faz parceria com agência condenada por falsa checagem.** Disponível em: <<https://brasilsemmedo.com/tse-faz-parceria-com-agencias-condenadas-por-falsa-checagem>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

DESCOBERTA de anticorpo em Israel ainda não significa cura para coronavírus. Disponível em: <<https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/descoberta-de-anticorpo-em-israel-ainda-nao-significa-cura-para-coronavirus/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

DEWEY, C. 6 in 10 of you will share this link without reading it, a new, depressing study says. **Washington Post**, 2016. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/the-intersect/wp/2016/06/16/six-in-10-of-you-will-share-this-link-without-reading-it-according-to-a-new-and-depressing-study/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

DONDIS, D. A. **Sintaxe da linguagem visual.** São Paulo: Martins Fontes, 1991

- DOS ANJOS, L. **NOTA PÚBLICA: CNS alerta sobre os riscos do uso da Cloroquina e Hidroxicloroquina no tratamento da Covid-19.** Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1194-nota-publica-cns-alerta-sobre-os-riscos-do-uso-da-cloroquina-e-hidroxicloroquina-no-tratamento-da-Covid-21>>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- EASLEY, D; KLEINBERG, J. **Networks, Crowds, and Markets: Reasoning about a Highly Connected World.** Cambridge University Press, 2010.
- FAUSTINO, M. **Governo da Bahia não vendeu 10% do território do estado para chineses.** Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/governo-da-bahia-nao-vendeu-10-do-territorio-do-estado-para-chineses/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- FERNÁNDEZ-GARCÍA, N. **Fake news: uma oportunidade para a alfabetização midiática.** Buenos Aires: Nueva Sociedad, 2018.
- FREITAS, C. **55% de publicações pró-Bolsonaro são feitas por robôs.** Disponível em: <<https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/04/03/55-de-publicacoes-pro-bolsonaro-sao-feitas-por-robos.ghtml>>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- GHIROTTI, E. Produtora bolsonarista usou R\$ 9 mi para impulsionar posts no Facebook. **Metrópoles**, 2022. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/produtora-bolsonarista-usou-rs-9-mi-para-impulsionar-posts-no-facebook>>. Acesso em: 15 nov. 2022
- GONOLI, R. **Termômetro infravermelho causa dano à glândula pineal ao medir temperatura na testa #boato.** Disponível em: <<https://www.boatos.org/saude/termometro-infravermelho-dano-glandula-pineal-medir-temperatura-testa.html>>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- GREGOLIN, M. Análise do discurso e semiologia: enfrentando discursividades contemporâneas. in: SARGENTINI et al. (org). **Discurso, semiologia e história.** p.83-106. São Carlos, 2011
- GRIGOLETTO, E. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. **Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites.** São Carlos: Claraluz, p. 1-11, 2007.
- GRUZD, A.; MAI, P. Going viral: How a single tweet spawned a COVID-19 conspiracy theory on Twitter. In: **Big Data & Society**, v. 7, n. 2, p. 1-9, 2020. Disponível em <<https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/2053951720938405>>. Acesso em 15 nov. 2022.
- GUIMARÃES, L. **A Cor como Informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores.** 3. ed. São Paulo: Annablume, 2004.
- Haidar, D. **Aos Fatos: para especialistas, decisão que mandou editar checagens é censura.** Disponível em: <<https://www.jota.info/coberturas-especiais/liberdade-expressao/aos-fatos-censura-judicial-04052021>>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- INFODEMIC.** Disponível em: <<https://www.who.int/health-topics/infodemic>>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- INSTITUCIONAL. **Lupa**, [s.d.]. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/institucional>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

KIRKPATRICK, D. **O efeito facebook**. Trad. M.L. Oliveira. Rio de Janeiro: Intrínseca. 2010.

LEMOS, M. **Closing the gap between research and practice: foundations for the acquisition of literacy**. Melbourne: Australian Council for Educational Research (ACER), 2002.

LIND, W. S. (2007). **Who stole our culture?**. Disponível em: <<https://www.uvm.edu/~rgriffin/LindWhoStole.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

LINHA do tempo do Coronavírus no Brasil. **Sanar Medicina**. Disponível em: <<https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

MARÉS, C. É falso que Doria proibiu cloroquina nos hospitais de São Paulo. **Lupa**, 2020a. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/04/01/verificamos-doria-cloroquina-coronavirus/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

_____. SOPA de feto não é prato tradicional na China, e sim obra de arte contemporânea. **Lupa**, 2020b. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/01/29/verificamos-sopa-de-feto>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

MARIANI, B.; DELA-SILVA, S. Discurso político: processos de significação em tempos de fake news – Uma entrevista com Freda Indursky. **Caderno de Letras UFF**, Niterói, v. 30, n. 59, p. 13-31, jul./dez. 2019.

MARWICK, A.; LEWIS, R. **Media manipulation and disinformation online**. New York: Data & Society Research Institute, 2017.

MCPHERSON, M.; SMITH-LOVIN, L.; COOK, J. M. **Birds of a feather**: Homophily in social networks. *Annual Review of Sociology*, v.27, n.1, p. 415–444, 2001.

MEDIDA Provisória. Direção: Lázaro Ramos. Produção de Daniel Filho; Tania Rocha. Brasil: Elo Company, 2022. (94 min) Cinema, son., color.

MENEZES, L. F. Acordo com China Media Group não foi firmado por Mandetta, mas por Osmar Terra. **Aos Fatos**, 2020a. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/acordo-com-china-media-group-nao-foi-firmado-por-mandetta-mas-por-osmar-terra/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

_____. Bill Gates não afirmou que vacinação obrigatória é “solução ecológica” para despovoar a Terra. **Aos Fatos**, 2021a. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/bill-gates-nao-afirmou-que-vacinacao-obrigatoria-e-solucao-ecologica-para-despovoar-a-terra/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

_____. É falso que base de dados mostra que kits de testes para Covid-19 eram comprados desde 2017. **Aos Fatos**, 2020b. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-base-de-dados-mostra-que-kits-de-testes-para-Covid-19-eram-comprados-desde-2017/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

_____. É falso que chineses bloquearam ponte em Brasília no 7 de setembro. **Aos Fatos**, 2021b. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-chineses-bloquearam-ponte-em-brasilia-no-7-de-setembro/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

_____. É falso que CoronaVac pode alterar código genético e ‘causar homossexualismo’. **Lupa**, 2020c. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-coronavac-pode-alterar-codigo-genetico-e-causar-homossexualismo/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

_____. É falso que Doria fechou contrato com chineses em 2019 para vacina contra o novo coronavírus. **Aos Fatos**, 2020d. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-doria-fechou-contrato-com-chineses-em-2019-para-vacina-contr-o-novo-coronavirus/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

_____. É falso que pandemia de Covid-19 só reduziu tráfego aéreo no Brasil e no continente africano. **Aos Fatos**, 2020e. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-pandemia-de-Covid-19-so-reduziu-trafego-aereo-no-brasil-e-no-continente-africano/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

_____. É falso que premiê e ministro franceses foram demitidos por suspender uso da hidroxicloroquina. **Aos Fatos**, 2020f. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-premie-e-ministro-franceses-foram-demitidos-por-suspender-uso-da-hidroxicloroquina/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

_____. É falso que uso de máscaras reduz entrada de oxigênio nos pulmões. **Aos Fatos**, 2020g. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-uso-de-mascaras-reduz-entrada-de-oxigenio-nos-pulmoes/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

_____. Edir Macedo usa vídeo com informações falsas para minimizar pandemia do coronavírus. **Aos Fatos**, 2020h. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/edir-macedo-usa-video-com-informacoes-falsas-para-minimizar-pandemia-do-coronavirus/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

_____. Foto de sacos pretos não mostra fraude de enterros de vítimas de Covid-19 no Brasil. **Aos Fatos**, 2020i. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/foto-de-sacos-pretos-nao-mostra-fraude-de-enterros-de-vitimas-de-Covid-19-no-brasil/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

_____. Não é verdade que STF afastou Bolsonaro de ações para o controle da pandemia. **Aos Fatos**, 2020j. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/nao-e-verdade-que-stf-afastou-bolsonaro-de-acoes-para-o-controle-da-pandemia/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

_____. Prefeituras não recebem R\$ 19 mil do governo federal a cada morte por Covid-19. **Aos Fatos**, 2020k. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/prefeituras-nao-recebem-r-19-mil-do-governo-federal-cada-morte-por-Covid-19/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

_____. Prisão de professor de Harvard ligado à universidade de Wuhan não tem relação com Covid-19. **Aos Fatos**, 2020l. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/prisao-de-professor-de-harvard-ligado-universidade-de-wuhan-nao-tem-relacao-com-Covid-19/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 no Brasil**. Disponível em: <<https://Covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

MINNICINO, M. J. (1992). New Dark age: “The Frankfurt School and ‘Political Correctness’”. **Fidelio: Journal of Poetry, Science, and Statecraft**. Washington, DC. v.1, n.1, p. 2-27. Disponível em: <https://archive.schillerinstitute.com/fidelio_archive/1992/fidv01n01-1992Wi/fidv01n01-1992Wi.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2022.

MORAES, M. Documentos não mostram que chineses testaram coronavírus como arma biológica há 5 anos. **Lupa**, 2021. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2021/05/10/verificamos-documentos-chineses-coronavirus-arma-biologica/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

_____. É falso que Hospital de Campanha do Anhembi, em SP, está vazio. **Lupa**, 2020a. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/06/05/verificamos-hospital-de-campanha-do-anhembi-vazio/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

_____. É montagem foto que mostra Xi Jinping abraçado com Rodrigo Maia. **Lupa**, 2020b. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/04/07/verificamos-foto-xi-jinping-rodrigo-maia/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

_____. Texto sobre ‘pandemia do medo’ não foi escrito por C. S. Lewis. **Lupa**, 2020c. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/06/19/verificamos-pandemia-do-medo-c-s-lewis/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

MOREIRA, A; PINHEIRO, L. **OMS declara pandemia de coronavírus**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

NÃO é verdade que máscaras contaminadas serão distribuídas para a população de São Paulo. Disponível em: <<https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/nao-e-verdade-que-mascaras-contaminadas-serao-distribuidas-para-a-populacao-de-sao-paulo/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

NASCIMENTO, L. F., CESARINO, L. M. & FONSECA, P. F. C. (coords.). “**Democracia digital: análise dos ecossistemas de desinformação no Telegram durante o processo eleitoral brasileiro de 2022**” - vol. 1. São Paulo, 2022.

NEIVA, L. **Terror do comunismo: a narrativa para o golpismo na história do Brasil**. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/terror-do-comunismo-a-narrativa-para-o-golpismo-na-historia-do-brasil/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

NEWMAN, N. et al. **The Reuters Institute Digital News Report 2021**. Oxford, England: Reuters Institute for the Study of Journalism, 2021.

NIELSEN, J. (2013). Website Reading: It (Sometimes) Does Happen. **Nielsen Norman Group**, 2013. Disponível em: <<https://www.nngroup.com/articles/website-reading/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

NOMURA, B. **Estudo de Oxford não prova que ivermectina poderia ter salvado 250 mil brasileiros com Covid-19**. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2021/07/28/verificamos-oxford-ivermectina-250-mil/>>. Acesso em: 15 nov. 2022

O QUE é checagem de fatos — ou fact-checking?. **Aos Fatos**, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/checagem-de-fatos-ou-fact-checking/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

OLIVEIRA, E. **83% dos principais países afetados pelo coronavírus adotaram “lockdown”, aponta levantamento**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/18/83percent-dos-principais->

paises-afetados-pelo-coronavirus-adotaram-lockdown-aponta-levantamento.ghtml>. Acesso em: 15 nov. 2022.

OLIVEIRA, M. L. P; SOUZA, E. D. A competência crítica em informação no contexto das fake news: os desafios do sujeito informacional no ciberespaço. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XIX, ENANCIB, 2018.

OMS: mortes por Covid-19 caem a níveis de março de 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2022-03/oms-mortes-atribuidas-Covid-19-caem-niveis-de-marco-de-2020>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Antimicrobianos também têm sido mal utilizados fora dos ambientes hospitalares [...]**. [s.l.], 17 nov. 2021. Twitter: @OPASOMSBrasil. Disponível em: <https://twitter.com/OPASOMSBrasil/status/1461007372298735621?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1461007372298735621%7Ctwgr%5E363b4cb9fd8c7e7513650e4f7cd9f879066201a0%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.redebrasilatual.com.br%2Fsaude-e-ciencia%2Fkit-Covid-provocar-geracao-bacterias-resistentes-oms%2F> . Acesso em: 22 nov. 2022

_____. **Histórico da pandemia de COVID-19.** Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/Covid19/historico-da-pandemia-Covid-19>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

ORLANDI, E. P. **A análise de discurso é possível?** Línguas e Instrumentos Linguísticos, Campinas, n. 44, p. 138–156, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8657795>. Acesso em: 15 nov. 2022.

_____. **Análise de discurso: princípios & procedimentos.** 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

_____. **Boatos e silêncios: os trajetos dos sentidos, os percursos do dizer.** In: ORLANDI, E. Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, p. 127-140, 2001.

PACHECO, P. Bruno Covas não é irmão de Dimas Covas, diretor do Instituto Butantan. **Aos Fatos**, 2020a. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/bruno-covas-nao-e-irmao-de-dimas-covas-diretor-do-instituto-butantan/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

_____. É falso que caixões foram enterrados com pedras e madeira em Belo Horizonte. **Aos Fatos**, 2020b. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-caixoes-foram-enterrados-com-pedras-e-madeira-em-belo-horizonte/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

_____. É falso que Doria vendeu empresas à China. **Aos Fatos**, 2020c. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-doria-vendeu-empresas-china/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

_____. É falso que Prefeitura de São Paulo tem 20 mil caixões estocados em depósito. **Aos Fatos**, 2020d. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-prefeitura-de-sao-paulo-tem-20-mil-caixoes-estocados-em-deposito/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

_____. Vacinas testadas contra Covid-19 não usam nanochip para rastrear pessoas pelo 5G. **Lupa**, 2020e. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/vacinas-testadas-contra-Covid-19-nao-usam-nanochip-para-rastrear-pessoas-pelo-5g/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

PAÍSES fecham fronteiras para tentar conter o coronavírus. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2020/03/16/interna_mundo,834588/paises-fecham-fronteiras-para-tentar-conter-o-coronavirus.shtml>. Acesso em: 15 nov. 2022.

PÊCHEUX, M. **Análise Automática do Discurso** (1969). Trad. Eni Orlandi. In: GADET, Françoise & HAK, Tony. (Orgs.). Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3ª edição. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1997.

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Trad. Eni Orlandi et al. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PINHEIRO NETO, O. **Fanatismo & manipulação: o esquema da nova colonização do Brasil.** 2. ed. Campinas, Sp: Pontes Editores, 2019.

PINHEIRO, L. **Ivermectina não foi eficaz em tratar Covid-19 em pacientes internados e com comorbidades, aponta estudo.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/02/19/ivermectina-nao-foi-eficaz-em-tratar-Covid-19-em-pacientes-internados-e-com-comorbidades-aponta-estudo.ghtml>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

PINTO, A. E. S; COMLOMBO S. Europa e América do Sul fecham fronteiras para tentar conter coronavírus. **Folha de São Paulo**, 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/europa-fecha-fronteiras-por-30-dias.shtml>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

PORFÍRIO, R. A. C. **Fake News e Fact-Checking: Mapeamento de Práticas de Verificação Utilizadas por Agências de Checagem Sul-Americanas.** Orientador: Prof. Dr. Alberto Marques. 2022. 1-112 p. Tese (Mestrado em Comunicação e Economia Criativa) - Universidade Católica de Brasília, Brasília - DF, 2022.

PROJETO Comprova agrega novos parceiros para checar desinformação nas eleições. Disponível em: <<https://www.band.uol.com.br/bandnews-fm/noticias/projeto-comprova-agrega-novos-parceiros-para-chechar-desinformacao-nas-eleicoes-16513575>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

QUEIROZ, G. É falso que ‘primeira-ministra da Austrália’ fingiu tomar vacina para coronavírus em vídeo. **Lupa**, 2020a. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/07/02/verificamos-ministra-australia-vacina/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

_____. É falso que vacina financiada pela Fundação Gates seja a mesma desenvolvida por empresa chinesa. **Lupa**, 2020b. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/06/18/verificamos-vacina-gates-chinesa>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

RECUERO, R; GRUZD, A. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. **Galáxia**, São Paulo, n.1, p. 31-47, 2019.

RIBEIRO, A. Não é do novo coronavírus a patente citada em posts nas redes sociais. **Aos Fatos**, 2020. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/nao-e-do-novo-coronavirus-patente-citada-em-posts-nas-redes-sociais/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

ROMANY, I. É falso que OMS deixou de recomendar uso de máscara para pessoas saudáveis durante pandemia. **Lupa**, 2020. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/07/06/verificamos-oms-mascaras-coronavirus/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

RÔMANY, I. George Soros não disse que é preciso ‘exterminar’ parte do povo brasileiro para resolver problema do país. **Lupa**, 2021. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2021/03/04/verificamos-george-soros-exterminar/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

SANCHOTENE, C.; SILVEIRA, A. C. M.; LAVARDA, S. L. **Quando as notícias mais compartilhadas são falsas**: a circulação de boatos durante a semana do impeachment no Facebook. *Comunicação & Informação, Goiânia*, v. 20, n. 3, p. 99–112, 2017.

SANTAELLA, L. **A semiótica das fake news**. *Verbum, São Paulo*, v. 9, n. 2, p. 9-25, 2020.

SASSINE, V. Após Covid, indígenas ficam sem cloroquina para malária. **Folha de São Paulo**, 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/08/indigenas-ficam-sem-cloroquina-para-malaria-apos-saude-desviar-uso-para-Covid.shtml>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

SERRANO, A. **Ivermectina**: estudo mostra que remédio não tem eficácia contra COVID-19. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/bemviver/2022/03/31/interna_bem_viver,1357040/ivermectina-estudo-mostra-que-remedio-nao-tem-eficacia-contr-Covid-19.shtml>. Acesso em: 15 nov. 2022.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 19ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SIQUEIRA, C. **Aprovado o decreto que coloca o País em estado de calamidade pública**. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/646493-APROVADO-O-DECRETO-QUE-COLOCA-O-PAIS-EM-ESTADO-DE-CALAMIDADE-PUBLICA>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

SOARES, F. B. et al. Covid-19, desinformação e Facebook: circulação de URLs sobre a hidroxicloroquina em páginas e grupos públicos1. **Galáxia**, São Paulo, n. 46, 2021.

SOUZA, M. D. **Bolsonaro e seus robôs: como funciona a propagação de fake news sobre o coronavírus**. Disponível em: <<https://www.brasilefato.com.br/2020/04/03/bolsonaro-e-seus-robos-como-funciona-a-propagacao-de-fake-news-sobre-o-coronavirus/>>. Acesso em: 22 nov. 2022.

SOUZA, M. **O fim da Guerra Cultural e o conservadorismo estadunidense?** uma leitura sobre a trajetória de ascensões e quedas da direita religiosa americana. 2014. 318 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/116013>>. Acesso em: 26 nov. 2022.

STEVE Bannon endorses far-right Brazilian presidential candidate. **Reuters**, 2018. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-brazil-election-bannon-idUSKCN1N01S1>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

TANDOC JR., E. WEI LIM, Z & LING, R. Defining “Fake News”. **Digital Journalism**, v.6, n.2, p.137-153, 2018.

TEITELBAUM, B. R. **GUERRA PELA ETERNIDADE**: o retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO. 41ª Vara Cível. Decisão n. 1039788-63.2021.8.26.0100. Editora Tipuana Eireli e Aos Fatos. Relator: Dr. Marcelo Augusto Oliveira. 23 abr. 2021.

VÍDEO “Plandemic” faz afirmações falsas sobre a COVID-19. Disponível em: <<https://projetocomprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/video-plandemic-faz-afirmacoes-falsas-sobre-a-Covid-19/>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

WARDLE, C; DERAKHSHAN, H. **Módulo 2**: Reflexão sobre a “desordem de informação”: formatos da informação incorreta, desinformação e má-informação. In: IRETON, Cherilyn; POSETTI, Julie (Eds.). *Jornalismo, fake news e desinformação*. Paris: UNESCO, 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Origin of SARS-CoV-2**. Disponível em: <<https://www.who.int/publications/i/item/origin-of-sars-cov-2>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO-convened global study of origins of SARS-CoV-2: China Part**. Disponível em: <<https://www.who.int/publications/i/item/who-convened-global-study-of-origins-of-sars-cov-2-china-part>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

GLOSSÁRIO

Antecipação: É o mecanismo de antecipação que leva o sujeito a ter a capacidade de colocar-se no lugar de seu interlocutor. Ele se antecipa quanto ao sentido que suas palavras produzem.

Assujeitamento: É o processo pelo qual o indivíduo torna-se sujeito do discurso, enquanto se ressignifica e se constitui como manifestação de uma posição, uma forma-sujeito, atravessado pela ideologia. Em síntese, é o caráter da livre submissão aos sentidos já expressos na língua. “Pode tudo dizer, com tanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos de assujeitamento” (ORLANDI, 2005, p. 50).

Cadeias de Sentido: Cadência de dizeres que guardam relação de sentido entre si, formando blocos de enunciados parafrásticos que recortam construções recorrentes, em materialidades que se correlacionam, com filiação de sentidos.

De-superficialização: Processo de análise da materialidade, fugindo à sua “superfície linguística”, apurando o que demonstra em “sua sintaxe e enquanto processo de enunciação” (ORLANDI, 2005). É avaliar as relações (de força e sentido), em função da Formação Imaginária, expressas no processo do discurso.

Discurso: É o objeto teórico da Análise do Discurso. “É uma dispersão de textos”, enquanto o texto “é uma dispersão do sujeito”. O sujeito se subjetiva em textos, “cujo modo de inscrição histórica permite definir um espaço de regularidades” enunciativo-discursivas (ORLANDI, 2005). Uma prática social materializada em seu processo de produção. Série de efeitos de sentido compreendido entre interlocutores (PÊCHEUX, 1969).

Domínio simbólico: Uma das manifestações das Relações de Força do discurso que intervêm no real do sentido, como parte dos processos de significação. Gestos de interpretação, de fazer compreender a produção de sentido.

Família Parafrástica: A partir do conceito de “paráfrase”, ressignificado pela AD como reprodução de sentidos, interpelado pela “metáfora”, deslizamento de sentidos na qual o discurso flui entre suas reproduções, uma Família Parafrástica compreende dizeres que se relacionam em reprodução e sustentação.

Filiação de Sentidos: Vestígios de significação que remetem a dizeres anteriores, que podem ser compreendidos e identificados.

Formação Discursiva: “A formação discursiva se define como aquilo que - numa formação ideológica dada, ou seja, a partir de uma posição dada em conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2005, 43). Não tendo as palavras sentido nelas mesmas, a FD caracteriza uma “regionalização do Interdiscurso”, é a referência na qual habitam os diferentes sentidos, onde palavras iguais guardam diferentes efeitos, pois estão circunscritos de informações diferentes.

Formação Ideológica: A interpelação onde habitam uma ou mais Formações Discursivas, sustentadas a partir de uma Formação Social, uma posição de classe e seus conflitos (PÊCHEUX, 1995), tendo em vista o conceito de Ideologia tido pela AD. É a posição e conjuntura sócio-histórica dada.

Formação Imaginária: É o conceito que define o conjunto de projeções que se manifestam a partir das relações de força, sentido e da antecipação. Imagens projetadas pelo já-dito na relação do sujeito, sua Formação Social e as possibilidades do discurso. É o que o sujeito imagina, as figuras que cria a partir da sua relação de sentidos.

Historicidade: É o acontecimento do texto como discurso, o jogo dos sentidos imersos nele.

Ideologia: Termo ressignificado pela AD, deixa de conceber representações ou visão de mundo e passa a se tornar a prática significante, o efeito da relação do sujeito com a língua e a história. É a ilusão inconsciente de que o sentido existe em si, permitindo a identificação do sujeito em sua FD, elemento intrínseco ao discurso.

Interdiscurso / Já-dito / Memória: “A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso; nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do desvio, sustentando cada tomada de palavra” (ORLANDI, 2005, p.31). É a observação do já-dito que nos permite remeter o dizer a uma filiação de dizeres, uma memória, e identificá-lo em sua historicidade e ideologia.

Lugar Discursivo: Dispersões da forma-sujeito dentro do discurso, definidas a partir de diferentes relações, entre lugares sociais distintos, de onde se percebe o sujeito do discurso.

Lugar Social: Lugar empírico, no qual se recorta espaços de classe e posição no sistema social que subsidiam ordenação de saberes e domínios institucionais próprios do lugar em que está posicionado, dentro de relações de força. É o sujeito empírico.

Relação de Força: Lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. As palavras de um lugar de professor significam de um modo diferente das de um lugar de aluno (ORLANDI, 2005). Dessa forma, é a relação de força que atribui a autoridade ou não ao dizer, tendo em vista os sujeitos envolvidos.

Relação de Sentido: Noção de que não há discurso que não se relacione com o outro. Eles se sustentam ou se suprimem, não havendo um começo ou um ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis.

Sítio de significação: Espaço imaginário de um domínio simbólico específico, contendo o que é, e o que pode vir a ser dito. Um espaço de dizibilidade.

Sujeito: Considera “sujeito”, segundo a AD, uma posição, interpelado pelos efeitos do simbólico, atravessado pela linguagem e pela história, sobre o modo do imaginário – a posição ocupada dentro de uma FD, que adquire diversas formas (ORLANDI, 2005).

Sujeito-autor: A posição-sujeito que assume a ordenação dos dizeres, atribuindo ordem à uma dispersão de saberes, pode ser chamada de sujeito-autor, que sustenta em si o sentido de “autoria”, “autoridade”, cumprindo tal função discursiva em uma Relação de força, cumprindo papel social e inserido na cultura (ORLANDI, 2005).

APÊNDICE A – Banco de Materialidades

